



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

CAMILA ARAUJO DE SOUSA

ESTRESSE OCUPACIONAL E VIDA FAMILIAR EM MULHERES POLICIAIS
MILITARES

São Paulo

2014



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

CAMILA ARAUJO DE SOUSA

ESTRESSE OCUPACIONAL E VIDA FAMILIAR EM MULHERES POLICIAIS
MILITARES

Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial para
graduação no curso de Psicologia,
sob supervisão da Profª Dra. Fúlvia
Rosemberg.

São Paulo
2014

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho significa ter deixado de lado algumas dificuldades e é resultado de muito esforço, apoio e puxões de orelha. São muitos os que quero agradecer.

Agradeço aos meus pais que sempre se esforçaram para fazer o melhor, sempre apoiando, motivando e reconhecendo minhas pequenas vitórias. Mãe, obrigada pelo cuidado tão especial nesse momento tão atribulado e pelos sorrisos sempre que eu dizia que estava quase acabando! Pai, obrigada pela curiosidade, a cada explicação eu me fazia novos questionamentos.

As minhas amigas da graduação, Beatriz, Camila e Rebeca por toda ajuda, conversas, direcionamentos e, mais que isso, por todo acolhimento nos momentos de lamentação.

Escrever um TCC requer tempo e dedicação, de modo que precisamos abdicar de algumas coisas, aos outros amigos quero agradecer por ouvirem minhas reclamações e respeitarem minhas ausências. Em especial ao Eduardo, por toda paciência e companheirismo nessa fase.

Agradeço às mulheres da Polícia Militar que viabilizaram esta pesquisa: Soraya Jorge Santana, por toda gentileza e por ter me direcionado ao Batalhão do Comando Geral. A Capitã Rosemeire Vitonto, por ter me recebido, escutado e encaminhado minha solicitação, com a ajuda de sua equipe, a Soldado Cinthia que mobilizou suas colegas para que eu conseguisse as entrevistas e principalmente a "Carol" e "Sarah" por toda simpatia e por aceitar participar.

Ao Giuliano e Verônica, por terem me colocado em contato com a Soraya.

A minha orientadora pelas sugestões, correções e principalmente por ter me colocado em contato com o tema gênero. A sua aluna Ângela, pelo apoio e atenção.

E a todos aqueles que comentaram que a parte final era mais fácil, que faltava pouco, acredito que isso serviu como empurrão para que eu chegasse ao final.

Camila Araujo de Sousa

Estresse Ocupacional e Vida Familiar em Mulheres Policiais Militares.

2014

Orientadora: Prof^a Dra. Fúlvia Rosemberg.

RESUMO

O presente trabalho buscou melhor compreender, a partir de relatos, o modo como mulheres Policiais Militares se referem ao estresse ocupacional, abordando sua manifestação no âmbito familiar. Como enfoque teórico, esta pesquisa baseou-se no conceito de estresse ocupacional e em discussões sobre gênero. Para fundamentar tal pesquisa, foram entrevistadas duas mulheres policiais militares da cidade de São Paulo, ambas casadas, sendo que, uma delas é mãe de dois filhos. As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo. A pesquisa esteve atenta aos cuidados éticos baseados na Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 e os sujeitos foram esclarecidos quanto ao objetivo da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nas considerações finais destacamos o impacto de estressores organizacionais e aqueles associados à vida familiar.

Palavras - Chave: Polícia Militar, Mulher Policial, Estresse Ocupacional, Gênero, Vida Familiar

LISTA DE SIGLAS

PM - Polícia Militar

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 BREVE HISTÓRICO: A POLÍCIA E AS MULHERES.....	11
1.1 ANOTAÇÕES SOBRE A POLÍCIA NO BRASIL.....	11
1.2 O TRABALHO DE MULHERES NA POLÍCIA.....	13
2 ENFOQUES TEÓRICOS.....	21
2.1 ESTRESSE OCUPACIONAL	21
2.2 GÊNERO	30
3 ENTREVISTA COM AS MULHERES POLICIAIS	35
3.1 SELEÇÃO DAS ENTREVISTAS:	35
3.1.2 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	35
3.1.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	37
3.2 RESULTADOS.....	38
3.2.1 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	39
3.2.2 TEMAS ANALISADOS	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXO I: TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA.....	59
ANEXO II: TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA	70
ANEXO III: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	77

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou apreender, a partir de relatos, como mulheres policiais militares se referem ao estresse ocupacional e à forma como tal fator traz implicações às suas vidas familiares.

Na revisão bibliográfica, focalizou-se temas relacionados à mulher policial, à Polícia Militar, ao gênero e ao estresse ocupacional, a partir de pesquisas nas seguintes bases de dados: Scielo, Google Acadêmico, Lilacs, Plataforma Lattes e a própria biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A partir da revisão de literatura, constatou-se que a profissão Polícia Militar, por expor os profissionais a constantes riscos, é uma das categorias que está muito associada ao estresse ocupacional, aquele gerado no cotidiano do trabalho. Nesta pesquisa, optou-se em focalizar mulheres trabalhando como policial militar pelo fato de ser uma ocupação que vem acolhendo mulheres apenas recentemente, o que pode intensificar tensões entre aspirações e exercício profissional (PASCHOAL; TAMAYO, 2005).

A presente pesquisa é composta por quatro capítulos. O primeiro traz um breve histórico sobre a formação policial no Brasil e a entrada de mulheres na Polícia Militar. A literatura constata certa carência de informações sobre a história da polícia, apontando que os estudos ainda são escassos, tendo as primeiras pesquisas se voltado para a Polícia Militar do Estado de São Paulo quando esta ainda atuava junto ao exército (BETRAS; ROSEMBERG, 2013).

Inicialmente, a polícia nasce voltada à proteção interna e nacional. Foi de forma gradativa que seu objetivo se voltou para a segurança pública, sendo a partir do ano de 1968 que a polícia passou a ter de forma exclusiva a atuação no policiamento ostensivo fardado. A partir de então, a Polícia Militar passou a ter por meta "promover a proteção coletiva". Frente entre as suas funções destacam-se: "assegurar as instituições; garantir a ordem nos estados; atuar de maneira repressiva e/ou preventiva; atender as convocações para prevenir ou reprimir graves perturbações" (SILVA; VIEIRA, 2008, p.164). Nesse momento, adotou-se mudanças na atuação visando diminuir o tempo de atendimento das ocorrências.

A Polícia Militar se organiza, assim como o exército, em batalhões, companhias e pelotões, tendo, ainda hoje, uma estrutura em que persevera a hierarquia e a disciplina, além de ser permeada por alta burocracia, o que torna a instituição alvo de constantes críticas (CARAVANTES, 2003 *apud* SILVA; VIEIRA, 2008).

Conforme Calazans (2004), é apenas a partir de 1980 que se intensifica a entrada de mulheres na Polícia Militar (PM). Ocupação tida como masculina e pautada por ideais machistas, a PM, a partir dos anos 1980, passou a buscar outros valores como, por exemplo, a capacidade de solucionar conflitos. Então, foi em busca de novos profissionais, no caso, as mulheres. Apesar de, aos poucos, o espaço destinado às mulheres na corporação da Polícia Militar tenha se ampliado, ocorrem, ainda, segundo autoras como Calazans (2004), Lima, Castro e Cruz (2010), uma restrição na porcentagem de vagas destinadas às mulheres nos concursos para entrada na corporação e também restrição quanto à porcentagem máxima de mulheres que podem fazer parte do corpo efetivo da PM.

No segundo capítulo, foram abordados os referenciais teóricos adotados. No que se refere ao estresse ocupacional, segundo Oliveira e Badargi (2010), tal tema tem se destacado no meio acadêmico pelo fato de muitos profissionais serem atingidos por esse mal, acarretando efeitos nocivos na vida dos trabalhadores e criando problemas no funcionamento das organizações. Segundo Murta e Trocôli (2004), há dificuldades em apontar a relação causal entre o estresse e doenças o manejo do estresse e torna difícil devido à falta de mão de obra especializada no tratamento do estresse ocupacional.

Para Lazarus, Jex e Jones & Kinman (1995; 1998; 2001 *apud* PASCHOAL; TAMAYO, 2005), o indivíduo é acometido pelo estresse organizacional quando às exigências e demandas vão além dos seus recursos de enfrentamento. Diante da escassez de recursos, o sujeito tende a tomar atitudes que podem afetar suas condições físicas, podendo causar doenças. Murta e Trócoli (2004) apontam que são vários fatores, geralmente ligados à organização do trabalho, tais como: altas exigências em relação à produtividade; má qualidade nas relações interpessoais; relações abusivas; falta de controle sobre o ciclo de trabalho e descanso; condições que ameaçam a segurança do trabalho entre outras. Tais autores assinalam que "o modo como a pessoa lida com as circunstâncias geradoras de estresse exerce

grande influência sobre sua saúde, modulando a gravidade do estresse resultante" (MURTA e TROCÓLI, 2004, p. 40). No que diz respeito ao manejo, há as intervenções focadas na organização, com foco em implementar mudanças nas relações de trabalho e as intervenções focadas no indivíduo, com objetivo de criar e fortalecer estratégias de enfrentamento.

No entanto, outros fatores que não se ligam apenas ao risco associado à profissão também se evidenciam como fatores geradores de estresse, tais como, os encargos familiares, particularmente a educação e o cuidado para com os filhos, principalmente no caso das mulheres sobre quem, ainda hoje, recaem os principais encargos domésticos e familiares (PASCHOAL; TAMAYO, 2005).

Ainda no segundo capítulo, como referencial teórico, abordou-se também o conceito de gênero. Tal conceito, que passou a ser usado por volta da de 1950 pelo movimento feminista e de mulheres, se liga à ideia de que as diferenças observadas no comportamento de homens e mulheres dizem respeito a uma definição social, não cunhado pelo sexo biológico. Desta forma, gênero corresponde a uma construção social arbitrária que reflete relações norteadas pela relação entre homens e mulheres. A motivação do movimento feminista em tratar tal assunto visava apontar e modificar as disparidades entre homens e mulheres (PEDRO, 2005).

A saída das mulheres do ambiente privado e de sua entrada no âmbito público, particularmente no mercado de trabalho, trouxe avanços, como maior independência, porém não conseguiu romper as desigualdades de gênero, na medida em que não ocorre igualdade de remuneração entre homens e mulheres, carreiras profissionais masculinas e femininas tendem a diferenciar-se. Segundo Silva e Vieira (2008), o trabalho como policial, assim como outros, faz-se no campo dessas desigualdades.

Como posto acima, são múltiplos os fatores que provocam dificuldades na vida de mulheres que exercem a profissão de policial militar; relações de poder e submissão, dupla jornada (trabalho e cuidados com a família), dificuldade em ascender profissionalmente. É nesse contexto de enfrentamentos que, a partir do conceito de estresse ocupacional, se buscará apreender como as mulheres relatam a ocorrência desse tipo de estresse.

O terceiro capítulo focaliza as entrevistas com as mulheres policiais e

contempla dois tópicos: no primeiro descrevem-se os procedimentos para a realização das entrevistas; seleção e contato com as duas participantes; breve descrição das entrevistadas; cuidados éticos, escolha dos temas a serem analisados. No segundo tópico os temas foram analisados mediante técnicas de análise de conteúdo. O TCC se encerra com as considerações finais, nas quais destacamos o impacto de estressores organizacionais e aqueles associados à vida familiar.

segue a descrição dos procedimentos para a realização das entrevistas: seleção e contato com as participantes, breve descrição das entrevistadas, cuidados éticos, escolha dos temas a serem analisados e análise dos temas. Para embasar tal pesquisa, além da revisão de literatura, realizou-se entrevista com duas mulheres policiais militares. Como método usou-se a entrevista qualitativa semiestruturada e para a análise das entrevistas usou-se como referencial as técnicas de análise de Conteúdo de Badin (2011). Por fim, o quarto é constituído pelas considerações finais.

1 BREVE HISTÓRICO: A POLÍCIA E AS MULHERES

O presente capítulo foi constituído com base na revisão bibliográfica de artigos que tratam do tema Polícia, Polícia Militar e Mulheres Policiais, e está dividido em dois tópicos: o primeiro relativo às anotações sobre a história e formação da polícia no Brasil e o segundo sobre a entrada das mulheres na corporação da Polícia Militar.

1.1 ANOTAÇÕES SOBRE A POLÍCIA NO BRASIL

No Brasil, a polícia se divide em civil e militar, divisão esta que, segundo Poncioni (2007), constitui uma particularidade brasileira. Embora as corporações tenham políticas administrativas, funcionamento, estrutura organizacional e missões distintas com relação à segurança pública, a formação de ambas tem algumas semelhanças. Ainda, a autora aponta que

entre essas semelhanças está a presença, ainda que com ênfases diferenciadas, de uma concepção dominante que tem como preocupação principal moldar o policial para um comportamento legalista, numa versão burocrático-militar, com forte relevo ao “combate ao crime”. Destaca-se, igualmente, nessa formação profissional, a quase total ausência de preparo na área da atividade preventiva, com enfoque na negociação de conflitos e no relacionamento direto com o cidadão; evidencia-se, ao mesmo tempo, um claro descuido na formação do policial civil e militar para o trato de outras demandas e interesses da população que não se encontram limitadas ao cumprimento da lei, mas se relacionam com a manutenção da ordem pública (PONCIONI, 2007, p. 25).

Os cursos ministrados para formação de policiais sofreram poucas mudanças com o passar o tempo, sendo repetidos sem ter passado por avaliações que medissem sua efetividade, acertos, falhas e impactos causados no exercício da atividade profissional. Além disso, há um *déficit* no que se refere ao corpo docente desses cursos, geralmente composto por policiais que acumulam, junto às outras atividades, a função de docente sem, necessariamente, dispor de preparo específico para tal. Somados a essas fragilidades da formação básica, estão a irregularidade das atividades de aperfeiçoamento durante a carreira e o fato de que cursos com esse intuito não contemplam todos os níveis hierárquicos da corporação. Esses pontos são assinalados como empecilhos para que o trabalho policial em seu exercício diário atinja um padrão de excelência, uma vez que faltam ferramentas necessárias, tanto recursos humanos, quanto materiais, que possibilitem uma reflexão aprofundada sobre a formação policial (PONCIONI, 2007).

Betras e Rosemberg (2013) mencionam que estudos sobre a história da polícia são recentes, pois, até a década de 1960, dispunha-se apenas de uma historiografia oficial que fora escrita por antigos policiais. As primeiras pesquisas se voltaram para a Polícia Militar do Estado de São Paulo, contemplando sua atuação junto ao exército no início da república. Para esses autores

a possibilidade de estudar a história da polícia, além de indesejada, parecia também muito limitada. No quadro da ditadura, a aproximação universidade/polícia era recusada de ambos os lados. Mesmo em países democráticos, a polícia via a aproximação acadêmica com enorme desconfiança, dificultando muito o acesso à informação (Betras; Rosemberg, 2013, p.163).

Deve a isso certa carência de informações para sustentar a construção da história sobre a carreira e a formação do policial.

No entanto, ressalta-se que, historicamente, em sua origem, a Polícia Militar voltava-se mais para a proteção interna e de defesa nacional que para fins de segurança pública, isso porque, desde o período imperial, os presidentes das províncias não tinham meios de manter a ordem pública, o que se tornou possível com a criação da polícia (SILVA;VIEIRA, 2008).

Desde a década de 1960, de acordo com Sette Câmara (2002 *apud* SILVA;VIEIRA, 2008), mais precisamente desde 1968, a Polícia Militar passou a deter de forma exclusiva o policiamento ostensivo fardado. Tal ação tinha como objetivo "promover a proteção coletiva". Dentre as funções então designadas à PM destacam-se: "assegurar as instituições; garantir a ordem nos estados; atuar de maneira repressiva e/ou preventiva; atender as convocações para prevenir ou reprimir graves perturbações" (SILVA;VIEIRA, 2008, p.164).

No que se refere à estrutura da organização, a Polícia Militar se estruturou de forma idêntica à do exército, sendo composta por seus batalhões, companhias e pelotões, tendo uma forma propícia aos combates em guerras. Tal organização não contempla a forma como a sociedade brasileira está composta atualmente o que dificulta o atendimento à crescente propagação da violência.

Após a década de 1970, segundo Silva Filho (2003 *apud* SILVA;VIEIRA, 2008), instaurou-se de forma gradativa um novo modelo de atuação que tinha como pauta a diminuição do tempo de resposta às ocorrências, seja para o atendimento às vítimas, seja para tomar medidas com relação ao agressor, o que resultou no uso de

novas tecnologias, mas também na excessiva centralização das ações a serem tomadas. Assim, a polícia foi se organizando em torno de uma estrutura burocrática que não consegue atender às demandas da população.

Além da alta burocracia da organização militar, outros dois pilares contribuem para que se configure como uma organização complexa e resistente à mudança: hierarquia e disciplina. Essa ênfase nos aspectos formais faz com que a instituição seja constantemente criticada (CARAVANTES, 2003 *apud* SILVA; VIEIRA, 2008).

A polícia constitui uma instituição pública que tem como objetivo assegurar o direito à segurança pública (SILVA; VIEIRA, 2008). Para Bengochea, Guimarães, Gomes et al (2004) segurança pública se trata de

[...] um processo sistêmico e otimizado que envolve um conjunto de ações públicas e comunitárias, visando assegurar a proteção do indivíduo e da coletividade e a aplicação da justiça na punição, recuperação e tratamento dos que violam a lei, garantindo direitos e cidadania a todos. Um processo sistêmico porque envolve, num mesmo cenário, um conjunto de conhecimentos e ferramentas de competência dos poderes constituídos e ao alcance da comunidade organizada, interagindo e compartilhando visão, compromissos e objetivos comuns; e otimizado porque depende de decisões rápidas e de resultados imediatos (BENGOCHEA, GUIMARÃES, GOMES et al, 2004, p. 120).

Tais autores ainda discutem que é necessário rever o conceito de segurança pública, uma vez que é comum que a população atribua sua manutenção como um dever apenas da polícia.

A maioria das grandes cidades vivenciou um aumento considerável da violência e da ocorrência de crimes, assim, o discurso de controle do crime tornou-se o discurso da guerra ao crime, deixando a população e a própria polícia com ideia de perigo constante. Assim, é incentivada a adoção de um estilo militar, pelo qual os policiais devem estar aptos a responder imediatamente às situações. "O modelo de prontidão militar é apontado como o que, por excelência, é capaz de complementar de maneira supostamente mais eficiente a ação da polícia para controlar o crime" (PONCIONI, 2007, p. 24).

1.2 O TRABALHO DE MULHERES NA POLÍCIA

Apesar de pouco reconhecida, a mulher sempre esteve presente em situações de lutas, combates e guerras, embora, na maioria das vezes, estivessem ligadas às atividades tidas como femininas, como, por exemplo, cuidando de

crianças e feridos, cozinhando, lavando, sendo que, algumas vezes, também assumiam, junto aos homens, o porte de armas, algo que até os dias atuais está associado à masculinidade: "[...] como se as armas só pudessem ser usadas por homens. A participação direta de mulheres em lutas violentas é geralmente esquecida, dificilmente reconhecida." (WOLFF, 2012, p. 423).

Nos momentos de guerras era possível a quebra dos papéis rigidamente atribuídos ao feminino, uma vez que, nesses momentos, muitas mulheres atuaram assumindo funções que eram habitualmente atribuídas aos homens. Assim, puderam ganhar autonomia financeira, diminuir a hierarquia entre os gêneros e conquistar direitos políticos (PEDRO, 2005). Thébaud (1995, *apud* PEDRO, 2005), em sua reflexão sobre as guerras mundiais, questiona a ideia de que tais guerras promoveram mudanças nas relações entre homens e mulheres, pois para ela tais mudanças foram temporárias, tendo as mulheres, ao fim da guerra, retornado ao espaço privado, assumindo, novamente as atividades exercidas anteriormente.

Mesmo com a participação feminina em guerras e combates, nas narrativas históricas, as mulheres são esquecidas, focalizando-se apenas os homens. Michel (1982 *apud* PEDRO, 2005) atenta para o fato de que, embora muitas mulheres francesas tenham também participado para por fim às guerras coloniais, a história se esqueceu delas, evidenciando apenas os nomes masculinos a não ser por algumas mulheres que foram reconhecidas pelo exercício de enfermeiras, função aceita como feminina.

De acordo com Wolff (2012), Anita Garibaldi constitui um exemplo brasileiro que ilustra bem o que foi dito acima, pois acompanhava seu esposo em suas lutas e participou junto a ele da Revolução Farroupilha¹. Após sua morte, Anita foi apontada e reconhecida como uma destemida combatente, algo que geralmente não acontece com outras mulheres participantes de guerra. Outro ícone brasileiro é Maria Quitéria que, no início do século XIX, se juntou ao Exército brasileiro como "voluntário", a princípio disfarçada de homem, respondendo como soldado Medeiros. Mesmo após ter sua identidade descoberta, Maria Quitéria continuou fazendo parte do Exército brasileiro, servindo como exemplo para o recrutamento de voluntários.

Ainda de acordo com Wolff (2012), assim como Maria Quitéria, outras

¹ "Giuseppe Garibaldi, republicano italiano que se unira aos farroupilhas" (WOLFF, 2012, p. 428).

mulheres se disfarçaram de homem para poderem participar das lutas que aconteciam no país. Essas mulheres, por vezes, serviram de propaganda em um contexto em que havia grande necessidade de voluntários. Apesar de terem sido aceitas, o próprio Exército buscava deixar claro que elas eram exceções, pois o Exército não era lugar ideal para mulheres. Tal concepção era representada pela obrigação do uso de saia pelas mulheres por cima da farda. A presença de mulheres no exército passou a ser gradualmente excluída a partir do início do século XX, quando, com o intuito de melhorar sua imagem, o Exército brasileiro modificou sua forma de recrutar os soldados.

Em decorrência, as mulheres voltaram a atuar junto aos homens no contexto de guerra em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. No entanto, sua atuação seria novamente voltada a atividades caracterizadas como femininas, assumindo os postos de telefonistas, secretárias, enfermeiras, datilógrafas etc. Essa frente, criada para auxiliar a Força Expedicionária Brasileira, compôs-se de mulheres com idade entre 17 e 50 anos e recebeu o nome de OFAG (Organização Feminina Auxiliar de Guerra). Além do uniforme, ao adentrarem a organização, as mulheres faziam um juramento, ressaltando as características ditas femininas valorizadas na época, como, por exemplo, afeição e bondade. Apesar de a OFAG ter sido criada com o intuito de atuar nas atividades descritas acima, muitas mulheres que dela participaram chegaram a auxiliar o policiamento nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro, o que foi usado, posteriormente, como argumento para a criação da Polícia Feminina. Segundo Wolff (2012)

essa experiência do período da guerra seria, mais tarde, utilizada como exemplo pelas defensoras da criação da Polícia Feminina, uma polícia que trabalharia idealmente na proteção de mulheres, crianças e atuaria nas chamadas "questões sociais." (WOLFF, 2012, p. 432).

Foi a partir da década de 1980 que as mulheres passaram a fazer parte das Forças Armadas de forma oficial e regular, começando pela Marinha, depois na Força Aérea e, por último, no Exército. Se, no Brasil, o alistamento ao serviço militar é obrigatório aos homens, para as mulheres a entrada acontece por meio de processo seletivo. Para Wolff (2012), esta participação das mulheres nas Forças Armadas brasileiras se associa a dois componentes contemporâneos: maior participação das mulheres no mercado de trabalho; ressurgimento do movimento feminista em 1975. No entanto, anos antes, em 1955, em São Paulo, já surgira a primeira corporação de

Polícia Feminina. Wolf (2012) ainda nos informa que se, desde 1955, São Paulo já dispunha de um regimento de polícia feminina, a intensificação da presença de mulheres na PM vai ocorrer apenas nos anos 1980, não apresentando, porém, um ritmo uniforme de expansão.

Mais precisamente em maio de 1955, por meio do Decreto nº 24.548, foi criado o corpo de Policiamento Especial Feminino, pelo então governador Jânio da Silva Quadros. Assim, São Paulo foi o primeiro estado brasileiro a permitir a inserção de mulheres no quadro da polícia militar. No primeiro processo seletivo, ingressam 13 mulheres aprovadas, mulheres que ficaram conhecidas como as "13 mais corajosas." (LOIOLA, 2009).

Musmeci e Soares (2004) informam que

a criação efetiva dos corpos femininos quase sempre ocorreu durante a fase de abertura política ou mesmo após a redemocratização do país – o que lhe acrescentou outros propósitos, como o de modernizar as PMs e “humanizar” sua imagem social, fortemente marcada pelo envolvimento anterior com a ditadura (MUSMECI; SOARES, 2004, p. 1).

Schactae (2010) afirma que as corporações militares são "herdeiras de uma masculinidade relacionada à honra, à coragem, à força e ao poder das armas" (p.3). A autora também afirma que embora a presença de mulheres indique certas mudanças, elas não foram suficientes para alterar tal identidade institucional.

Constantino, Minayo e Bezerra (2013) explicitam as "demandas sociais" subjacentes à integração de mulheres na PM. Tais autoras apontam que

No Brasil, as mulheres passaram a integrar efetivamente a Polícia Militar nos anos 1980, não por uma demanda social, mas por motivação da própria polícia. A intenção em incluí-las era humanizar a imagem corporativa, na época de redemocratização do país. Embora a intenção tenha sido louvável, nunca houve, por parte da bicentenária instituição culturalmente masculina, a intenção de mexer na estrutura para adequá-la a uma visão de gênero (Constantino; Minayo; Bezerra, 2013, p.658).

Com efeito, Calazans (2004) assinala que o percentual de mulheres nas polícias militares corresponde a 5% do efetivo, sendo que, na maioria dos estados, esse número não pode ultrapassar 10% do efetivo de policiais. Lima, Castro e Cruz (2010) afirmam que o percentual de vagas disponíveis para mulheres em concurso público para PM não ultrapassa 20% do total de vagas, o que dificulta a entrada das

mulheres na corporação. Essas autoras ainda apontam que aumentar a quantidade de vagas destinadas para as mulheres seria uma das formas de quebrar o estigma existente. O boletim elaborado por Musmeci e Soares (2004), sobre a presença feminina nas Polícias Militares brasileiras, com base nos dados do segundo semestre de 2003, aponta que do efetivo total policiais militares do estado de São Paulo, as mulheres representavam 9,7%.

Cappelle e Mello (2010) assinalam que ocorreu uma ação da própria Polícia Militar no intuito de mudar a percepção do público sobre sua imagem, visando a passar de uma organização tida como repressora e agressiva para outra de ser uma organização que estaria a serviço da população, adotando um caráter mais preventivo e educativo. Nesse contexto, a entrada de mulheres teria muito a agregar. Entretanto, as autoras também apontam que as mulheres que optam por atividades operacionais dentro da carreira militar encontram maior dificuldade, e que, grande parte delas, acabam assumindo atividades meio, como por exemplo, as funções administrativas e de relações públicas. Nesse mesmo sentido, Schactae (2010), baseada em Cappelle (2006), aponta que o espaço aberto para as mulheres ainda é restrito, uma vez que a maioria das mulheres que fazem parte da corporação militar está voltada aos trabalhos administrativos, à assistência social, à secretaria e às relações públicas. A dificuldade que as mulheres encontram para assumir cargos mais altos dentro da instituição também pode estar ligada ao fato de terem entrado apenas recentemente para a organização (MUSMECI; SOARES, 2004).

Foi a partir da busca de políticas mais preventivas e da crença de que as mulheres são menos violentas no policiamento ostensivo, que se abriu um novo lugar para a atuação das mulheres como policiais. Essa ideia

sugere que as mulheres estão se beneficiando da lógica institucional, da lógica do capital, uma vez que ingressam na organização pelas habilidades construídas no seu processo de socialização na família, na escola e nos demais diversos grupos e instituições, atendendo, então, ao novo perfil do policial (CALAZANS, 2004, p. 145).

Musmeci e Soares (2004) também mencionam que a entrada de mulheres na Polícia Militar visava, a princípio, "cobrir certas áreas de atuação em que o policiamento masculino, essencialmente repressivo, estaria encontrando dificuldades, como o trato com crianças abandonadas ou com mulheres e adolescentes autores de infrações." (p.1).

Embora essa nova perspectiva tenha sido construída, possibilitado o acesso da mulher ao espaço militar, hierarquia, rigidez são características que ainda convivem na instituição militar. De acordo com Silva e Vieira (2008), a atividade da Polícia Militar é com frequência apontada pelos próprios policiais como desumana. "Eles chegam a admitir que, para exercê-la, é preciso ser um '*robocop*', ou seja, uma máquina cujas capacidades humanas devem ser subtraídas." (SILVA; VIEIRA, 2008, p. 165).

A farda e a arma ainda aparecem como símbolos policiais que representam o masculino. Para Soares (2001 *apud* CAPPELLE E MELLO, 2010), a farda faz com que os policiais se sintam imortais, super heróis, uma vez que se ligam ao mito da indestrutibilidade. De acordo com as autoras citadas acima, nas instituições policiais não se dá muita ênfase no uso comedido de força e autoridade. Além disso, não há muito investimento em treinamentos que possibilitem aos agentes aprenderem técnicas para solucionar os conflitos de outra forma. Por isto, "as policiais foram inseridas em campo marcado por uma cultura patriarcal hegemônica e por práticas tradicionais de policiamento que exaltavam um viés bélico, de foco quase exclusivo na ação reativa e repressiva [...]" (CAPPELLE; MELLO, 2010, p. 76).

Para Calazans (2004), a conduta que as mulheres adotariam no trabalho na rua, por exemplo, tenderia a seguir a forma de agir "masculina", usando da agressividade como uma ferramenta de trabalho. "Assim, a violência coloca-se estrategicamente na institucionalidade cultural da Polícia Militar." (CALAZANS, 2004, p. 146). De modo que, Oliveira e Bardagi (2010) sugerem que as mulheres, devido à predominância masculina na organização policial, sentem a necessidade de assumirem traços masculinos e despenderem maiores esforços para que possam ter reconhecimento igual ao dos homens.

Calazans (2004) considera que inibir, cercear e instaurar o medo são formas de se conseguir que os preceitos hierárquicos sejam respeitados. A violência é apontada como um dispositivo constituinte de mulheres e homens em policiais militares. De acordo com a autora, a violência se coloca de forma estratégica na institucionalidade cultural da polícia militar. Essa autora ainda aponta que

o processo de constituição de mulheres em policiais militares revela o aparelho policial como uma máquina de produção da subjetividade, impedindo qualquer forma de singularização, tanto para policiais masculinos como policiais femininos. Para as singularizações, existem sanções, portanto, o aparelho policial militar é

um espaço que busca modos hegemônicos de ser e tem a violência como um dispositivo estratégico na constituição de homens e mulheres em policiais militares (CALAZANS, 2004, p.148).

No que diz respeito à vida fora da corporação, é comum que as mulheres exerçam o que se vem denominando de dupla jornada de trabalho: exercem a profissão sem deixar de lado o cuidado da casa e dos filhos (CAPPELLE; MELLO 2010). Constantino, Minayo e Bezerra (2013) assinalam que muitas mulheres, diferentemente de homens policiais, não exercem uma segunda atividade remunerada que envolva riscos, o que, em comparação com os policiais homens, possibilitaria diminuir o acúmulo de estresse.

Em estudo realizado em 2011 com 42 mulheres policiais militares do estado do Rio de Janeiro, as pesquisadoras informam que, no que se refere à percepção de diferenças de gênero, mulheres têm certa vantagem, uma vez que são vistas como mais honestas, acolhedoras e receptivas que os homens. Além disso, essas mulheres apontaram que se sentem reconhecidas pela sociedade e consideram que o relacionamento interno (com colegas e chefes) é mais difícil que o relacionamento com o público externo (CONSTANTINO; MINAYO; BEZERRA, 2013, p. 665).

Porém, inúmeras mulheres policiais enfrentam dificuldades, a começar pelas barreiras em galgar postos na carreira da mesma forma que os homens, já que são, com maior frequência direcionadas aos trabalhos que são menos valorizados. Cappelle e Mello, baseadas em Soares e Musumeci (2005), apontam que

a presença de mulheres na Polícia, muitas vezes, ainda reproduz os padrões de dominação vigentes na sociedade, pela ocupação de cargos de menor importância, pelo acesso limitado aos postos de comando e desempenho de funções mais desvalorizadas, tipicamente associadas ao mundo doméstico. Em carreira altamente hierarquizada como a de militares, ainda leva algum tempo e alguns esforços adicionais para que um número expressivo de mulheres atinja os escalões mais elevados da hierarquia (CAPPELLE; MELLO, 2010, p. 76).

De acordo com Lima, Castro e Cruz (2010, p.147), "a mulher nos espaços considerados masculinos está marcada por fortes estigmas preconceituosos que as atingem diretamente, de forma que elas se sintam discriminadas e insatisfeitas [...]". Desse modo, a forma como a estrutura militar se organiza, sendo bastante centrada na disciplina, altamente hierarquizada e permeada por relações pautadas no poder, traz dificuldades para as mulheres que estão inseridas nesse ambiente (CAPPELLE; MELLO, 2010). Calazans (2004, p.145) aponta que, "mesmo na inclusão das

mulheres na força policial, é evidente a permanência de modos de exclusão-dominação [...]".

Musmeci e Soares (2004) mencionam que as mulheres ainda são minoria e representam uma parcela reduzida na polícia militar, ainda se encontram longe de alcançar cargos superiores da corporação, com algumas exceções. Como motivo para tal está o fato de ser mais jovens e não terem passado por todas as etapas que acarretam nos postos mais elevados, além disso, por ser mulheres, o processo se torna mais demorado, envolvendo dificuldades adicionais. No entanto, apesar de terem entrado na Polícia Militar com encargos específicos, com o passar do tempo foram se dispersando por várias unidades dentro da corporação e assumindo posições diversificadas.

2 ENFOQUES TEÓRICOS

Os enfoques teóricos adotados nesta pesquisa agrupam-se em dois tópicos: no primeiro será apresentado o embasamento teórico sobre estresse ocupacional; no segundo, será discutido o enfoque de gênero.

2.1 ESTRESSE OCUPACIONAL

O estresse ocupacional, que é ligado ao cotidiano de trabalho, tem inúmeras causas e se manifesta em sintomas físicos e psicológicos. Atualmente, esse assunto tem ganhado destaque no meio acadêmico, sendo um dos motivos para tal notoriedade o fato de muitos profissionais são acometidos por esse mal, por exemplo, bancários, profissionais da educação, motoristas de ônibus, dentre outros. Oliveira e Bardagi (2010), baseadas em Paschoal e Tamayo (2004), indicam que o crescente aumento dos estudos relacionados ao estresse está ligado ao aumento dos efeitos nocivos que se manifestam na vida dos trabalhadores e, também, no funcionamento geral das organizações. Além disso, Murta e Trocôli (2004) apontam que há grande dificuldade com relação ao manejo do estresse em programas nacionais de saúde, problema decorrente das dificuldades metodológicas relacionadas à mensuração e à comprovação da relação causal entre estresse e de doenças, da falta de dados epidemiológicos sobre a incidência de estresse e doenças no país, além da falta de mão de obra especializada em seu controle. Estresse é um assunto constantemente abordado pela imprensa, que traz, com frequência nos últimos anos, inúmeros relatos de estresse em diferentes camadas da população. Lages, Detoni e Sarmiento (2006), baseadas em Lipp (2003, p.2), mencionam que "o século XXI sem dúvida será lembrado como o 'século do stress'."

Segundo Lazarus (1995 apud PASCHOAL; TAMAYO, 2005), o estresse ocupacional se origina no excesso de demandas relacionadas ao trabalho em comparação aos recursos de enfrentamento que o indivíduo dispõe. A mesma concepção é apontada por Jex e Jones & Kinman (1998; 2001 apud PASCHOAL; TAMAYO, 2005). Para tais autores,

o estresse ocupacional pode ser definido com ênfase nos fatores do trabalho que excedem a capacidade de enfrentamento do indivíduo (estressores organizacionais) ou nas respostas fisiológicas, psicológicas e comportamentais dos indivíduos aos estressores (p.173).

Em decorrência de acontecimentos no dia a dia no trabalho, o indivíduo pode chegar ao ponto em que seus recursos frente às situações que podem ser fonte de adoecimento são insuficientes, o que o torna mais propício a ser acometido por doenças, assim como ao estresse ocupacional. Os sujeitos, quando se encontram nesta fase, em que os recursos de enfrentamento ao estresse estão reduzidos, tendem a agir de maneiras tidas como inapropriadas, por exemplo, comunicando-se de forma agressiva ou, até mesmo, tendo comportamentos que podem resultar em efeitos colaterais nocivos à saúde, como, por exemplo, adquirir o hábito de ingerir bebidas alcoólicas. Tais ações podem resultar em alterações fisiológicas, o que, por sua vez, pode refletir na duração e intensidade dos sintomas causados pelo estresse (MURTA; TROCÓLI, 2004). Outra importante análise refere-se não apenas ao impacto do estresse na saúde física e psíquica das pessoas, mas ao efeito cumulativo do estresse, isto é, o impacto da reação do indivíduo às condições que geram o estresse: "O modo como a pessoa lida com as circunstâncias geradoras de estresse exerce grande influência sobre sua saúde, modulando a gravidade do estresse resultante." (MURTA e TROCÓLI, 2004, p. 40).

Seyle é apontado como um dos percussores dos estudos sobre o assunto, tanto no Brasil como internacionalmente. Foi Seyle (*apud* OLIVEIRA; BARDAGI, 2010) quem criou o denominado modelo trifásico de estresse: alerta, resistência e exaustão. Quando um indivíduo se encontra em uma situação à qual terá de se adaptar esforçando-se, seu organismo passa a sofrer reações que são descritas nesse modelo trifásico. As mesmas autoras, baseadas em Lipp (2000 e 2003), descrevem a fase de alerta como um estresse positivo que deixará o indivíduo mais motivado à ação frente ao estresse, ou seja, corresponde ao momento em que o indivíduo entra em contato com os estressores. Na fase de resistência, o sujeito já se adaptou ao estressor, gerando uma diminuição do estresse. Portanto, nessa fase, acontece o reequilíbrio do organismo, o que leva à sua recuperação. Já a terceira fase, exaustão, é aquela na qual o indivíduo pode ter sua capacidade de concentração e tomada de decisões afetadas. É considerada a pior fase, pois ocorre grande desequilíbrio interno, o que gera maior comprometimento físico. Após anos de estudos, foi proposta uma quarta fase do estresse, expandindo então o modelo trifásico: essa nova fase foi denominada como a fase de "quase-exaustão". Nela, o corpo, na tentativa de recuperar a homeostase, sofre um desgaste excessivo,

deixando o indivíduo mais vulnerável às doenças (OLIVEIRA; BARDAGI, 2010, p.155).

Oliveira e Santos (2010), citando Dejours (1992) e Lipp (1996), apontam que, no contexto de trabalho, o estresse

[...] é resultante da interação das características do indivíduo e das influências sofridas por ele por meio do contexto ambiental, isto é, trata-se da relação entre os meios internos e externos, juntamente com a percepção do indivíduo acerca de sua própria capacidade de resposta e enfrentamento (p. 228).

A análise dos sintomas decorrentes do estresse ocupacional distingue os sintomas físicos dos sintomas psicológicos. Dentre os sintomas psicológicos, destacam-se: "impossibilidade de trabalhar, irritabilidade excessiva, pesadelos, apatia, depressão, angústia, ansiedade, perda do senso de humor, entre outros" (LIPP, 2000 *apud* OLIVEIRA; BARDAGI, p.155, 2010). Com relação aos sintomas físicos, Lipp e Tanganelli (2002 *apud* OLIVEIRA; BARDAGI, 2010) apontam "distúrbios no ritmo cardíaco, arteriosclerose, insônia, enfarte, cefaleias, derrame cerebral, úlceras, gastrite, doenças inflamatórias, colite, problemas dermatológicos, tensão muscular, problemas sexuais, como a impotência e a frigidez, entre outros." (p.155).

Com relação às consequências acarretadas pelo estresse ocupacional, Murta e Trocôli (2004) apontam que

Dadas as perdas humanas e econômicas associadas ao estresse ocupacional, tornam-se necessárias intervenções para sua prevenção ou controle. Programas de manejo de estresse ocupacional podem ser focados na organização de trabalho e/ou no trabalhador (CARAYON & COLS., 1999; HAGEN & COLS., 1998; HEMINGWAY & SMITH, 1999; REY & BOUSQUET, 1995 *APUD* MURTA E TROCÓLI, p.40, 2004).

De uma lado, as intervenções focadas na organização se baseiam em mudanças na própria estrutura organizacional, tais como, mudanças positivas nas relações interpessoais existentes, melhoria das condições de trabalho, possibilidade de exercer autonomia, treinamento e desenvolvimento dos trabalhadores, aqui, o foco se volta para a modificação dos estressores presentes no ambiente de trabalho. Por outro lado, as intervenções focadas no indivíduo têm como objetivo que este possa desenvolver um repertório com estratégias de enfrentamento frente aos estressores que sejam mais adequadas, ou seja, o foco é reduzir os impactos de riscos já existentes (IVANCEVICH, MATTESON, FREEDMAN *et al*, 1990 *apud* MURTA; TROCÓLI, 2004, p.40). Murta e Trocôli (2004) apontam que as intervenções

individuais geralmente se baseiam em diversas orientações técnicas, como por exemplo, treinamento de habilidades pessoais (negociação, assertividade, manejo do tempo), relaxamentos, técnicas cognitivo comportamentais, entre outras. O trabalhador, ao ter comportamentos adequados para enfrentar os estressores, tende a proteger sua saúde, já que tais comportamentos podem amenizar os impactos somáticos e psicológicos causados pelo estresse (STEFFY; JONES; NOE, 1990 *apud* MURTA; TROCÓLI, 2004).

Há vários fatores que, isoladamente ou combinados, estão eventualmente associados aos estressores ocupacionais. Tais fatores, geralmente, se ligam à organização do trabalho, como, por exemplo: falta de controle sobre os ciclos de descanso e trabalho, o que acaba afetando os limites biológicos do indivíduo; altas exigências com relação ao nível de produtividade; má qualidade na relação entre superiores e subordinados, o que muitas vezes revela uma relação abusiva; condições que ameaçam a segurança do trabalhador, retaliação, entre outros (SMITH; HAIMS, 1999 *apud* MURTA; TROCÓLI, 2004).

Frente aos estressores, os indivíduos irão reagir de formas diferentes, em decorrência do modo como os percebem e como estes os afetam. Graf (1986 *apud* DELA COLETA; DELA COLETA, 2008) diferencia os fatores causadores do estresse em fatores organizacionais e culturais da instituição policial, caracterizados como fatores extrínsecos, e fatores pessoais, que seriam os fatores intrínsecos. Constantino, Minayo e Bezerra (2013), baseadas em Rossi, Perrewé e Sauter (2012), indicam que o

estresse provém de fatores advindos da carga de trabalho, relações interpessoais e condições de trabalho, mas a eles os indivíduos reagem de forma diferente. Alguns respondem com robustez, otimismo, autoconfiança, senso de coerência e capacidade de resiliência, ou seja, com eustresse. Outros respondem com raiva, rancor, frustração, excesso de fadiga, alienação no trabalho e queda de produtividade: é o distresse ou estresse negativo, para o qual contribui sobremaneira a forma de gestão (p. 659).

A percepção que o indivíduo tem das demandas como demandas estressoras constitui elemento importante para a compreensão do estresse. O suporte social que o trabalhador recebe dentro ou fora do contexto organizacional tem sido, com frequência, associado ao estresse ocupacional. Assim, quando, por um lado, há a ausência de suporte social dentro da organização, ou até o suporte disponível quando ineficaz, pode torna-se fator estressor. Por outro lado, quando esse suporte

dentro do ambiente organizacional é mais efetivo funciona como um efeito protetor mantendo os níveis de estresse mais baixos (TAMAYO; LIMA; SILVA, 2002 apud PASCHOAL; TAMAYO, 2005).

Paschoal e Tamayo (2005) apontam que, dentre as variáveis de cunho pessoal que podem interferir no nível do estresse ocupacional, está a autoestima do indivíduo, parecendo haver correlação positiva entre altos níveis de estresse e baixa autoestima. Esses autores, baseados em Kunda (1999), entendem que autoestima se refere a "[...] um construto estável que influencia as estratégias cognitivas utilizadas pelo indivíduo no processamento de informações relevantes sobre si mesmo e suas reações a essas informações." (p.175)

Quando o indivíduo apresenta baixa autoestima pode ficar mais vulnerável aos efeitos dos estressores ao fazer uso de formas mais passivas de enfrentamento (JEX; ELACQUA, 1999 apud PASCHOAL; TAMAYO, 2005). Ainda de acordo com Paschoal e Tamayo (2005), "nos estudos sobre estresse, a autoestima tem sido vista como um recurso para o processo de enfrentamento, capaz de influenciar a avaliação dos eventos e os comportamentos emitidos para lidar com os estressores" (p.175). Novamente baseados em Kunda (1999), Paschoal e Tamayo (2005) apontam que pesquisas têm evidenciado que o estado de humor pode ter interferência na forma como os sujeitos julgam as situações vivenciadas, de forma que situações conflituosas, complexas e ambíguas podem ser percebidas como estressores.

Outro fator de cunho pessoal, que pode ter interferência na forma como o sujeito irá lidar com os estressores/ estresse ocupacional, se refere à interação entre trabalho e família. Paschoal e Tamayo (2005) sugerem que a interferência entre família e trabalho pode influenciar as percepções que o indivíduo tem das demandas de trabalho, podendo, então, favorecer de forma direta o aparecimento de estressores organizacionais.

A existência de conflitos entre os papéis desempenhados pelo indivíduo no núcleo familiar e os papeis desempenhados no contexto de trabalho pode, de acordo com Cooper, Sloan e Williams (1988 apud PASCHOAL; TAMAYO, 2005), ser tratado como um estressor organizacional. Ainda, como decorrência dos conflitos entre as duas esferas e constituindo-se também como um estressor organizacional, está a percepção que o sujeito pode desenvolver de não ter controle sobre as

responsabilidades que o papel profissional exige. Alguns eventos podem limitar ou interromper a atuação do profissional, tais como, ter de sair mais cedo do trabalho para resolver problemas familiares; ter de atender compromissos familiares, mudando os planos no trabalho; trabalhar de mal humorado pensando na família etc. Também podem aparecer como fonte de estresse, uma vez que essas ações podem resultar em conflitos entre o indivíduo e seus pares ou superiores em decorrência da diminuição da quantidade e/ou qualidade do trabalho e do impacto eventual no planejamento das tarefas a ser executadas. Assim, a interferência família - trabalho, quando geradora de estressores organizacionais, tende a favorecer o surgimento de afetos negativos, como por exemplo, irritação (PASCHOAL; TAMAYO, 2005). Lages, Detoni e Sarmento (2006) informam que têm se multiplicado pesquisas ao redor do mundo que apontam que as mulheres sofrem mais com o estresse que os homens. Tais autoras, com base em Lipp (1996), propõem que o motivo para tal fato pode ser explicado pela imposição de papéis que as mulheres enfrentam, uma vez que lidam com os problemas relacionados ao trabalho, sem deixar de lado os cuidados da casa e dos filhos.

De acordo com Paschoal e Tamayo (2005) baseados em Polasky e Holahan (1998), desempenhar diversos papéis (mesmo aqueles papéis que não se liguem apenas ao ambiente doméstico) tem sido considerado, pela literatura, como algo importante para os indivíduos pelo fato de haver maior possibilidade de receber apoio social e ter efeito positivo sobre a autoestima. Porém, outros estudos revelam que consequências negativas nas esferas familiar e profissional podem surgir da tentativa de equilibrar as demandas exigidas por ambos os papéis, doméstico/familiar e profissional (CARNET, 1993; THOMPSON; WALKER, 1989 *apud* PASCHOAL; TAMAYO, 2005).

Segundo Range (2001 *apud* OLIVEIRA; BARDAGI, 2010), as características do trabalho militar e os aspectos da organização são com frequência citados na literatura como fatores ocupacionais do estresse como a carga horária excessiva, a centralização das decisões, o ambiente autoritário.

Dela Coleta e Dela Coleta (2008) assinalam que não são apenas os fatores laborais que são apontados como geradores de estresse, pois, somados a eles, aparecem fatores da própria organização, como, por exemplo, a relação entre os funcionários, que contribuem para o aumento da fadiga psíquica dos trabalhadores

maximizando então os efeitos nocivos do estresse. Essa ideia também aparece no resultado da pesquisa feita por Constantino, Minayo e Bezerra (2013), já citada anteriormente, que observou que as polícias entrevistadas indicaram como origem do estresse as questões organizacionais e gerenciais do trabalho da perspectiva de diferenciação de gênero e o assédio sexual que enfrentam. Dessa forma

para as policiais, a grande demanda de trabalho, assim como a falta de infraestrutura adequada, de pessoal e de material também gera estresse. No caso das que trabalham nas atividades operacionais nas ruas, a questão é a exigência de força física. Para elas os fuzis são pesados e têm dificuldades em segurá-los durante muito tempo. Várias se referiram às condições adversas do trabalho ao sol, sem água, com sede, sem local adequado para ir ao banheiro, o que se complica no período menstrual (CONSTANTINO; MINAYO; BEZERRA, 2013, p. 661).

Na mesma pesquisa, as policiais apontaram que o prazer não compensa o estresse decorrente da profissão. Conforme a pesquisa, para elas o que compensa é o fato de terem estabilidade no trabalho.

Ainda com relação à pesquisa de Constantino, Minayo e Bezerra (2013), um dado que se faz importante para esta pesquisa, diz respeito ao fato de as participantes terem relatado que percebem influências negativas na relação familiar, decorrentes do estresse ocupacional. As participantes apontaram que, em momentos de maior tensão no trabalho, preferem ficar sozinhas e tendem a se isolar do convívio familiar, pois se sentem sem energia, o que acarreta em sentimento de culpa e ansiedade. As autoras afirmam que, para as participantes da pesquisa, "a grande demanda profissional induz que levem "para dentro de casa os problemas do serviço." (p. 665)

Dela Coleta e Dela Coleta (2008) afirmam que de Hart, Wearing e Headey (1993) assinalaram que os primeiros estudos sobre o estresse entre policiais militares apontavam que as expectativas desses profissionais, quanto ao envolvimento em situações perturbadoras de violência e perigo, seriam as principais causas do alto nível de estresse. Esse ponto de vista foi questionado por outros autores, como, Patterson (1992, *apud* DELA COLETA; DELA COLETA 2008) que, em seus estudos, "sugeriu que aspectos organizacionais, financeiros e preocupações sobre falhas no equipamento eram, em geral, fontes mais importantes de estresse do que o perigo ou a violência ocupacional." (p.65). Do mesmo modo, o estudo com oficiais da Polícia Militar do Estado de São Paulo, realizado por Lipp

(2009, *apud* CONSTANTINO; MINAYO; BEZERRA, 2013), mostrou que os participantes evidenciaram associação de altos níveis de estresse à interação com outros departamentos dentro da polícia e a baixa qualidade de vida. O mesmo estudo apontou que, dentre os participantes, as mulheres se mostraram mais estressadas em comparação aos homens.

O século XXI, além de ser o século em que o estresse predomina, é também o século em que as mulheres, por conta da sua busca de emancipação e forte entrada no mercado de trabalho passam a encontrar ainda mais transtornos que acarretam danos à sua saúde mental e física, uma vez que a busca de sua autonomia e direitos iguais aos dos homens, passam a participar do mercado de trabalho sem deixar de lado as tarefas domésticas, tendo assim uma dupla jornada de trabalho (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2006).

A luta pela emancipação das mulheres, representada pelos inúmeros papéis que atualmente desempenham, se depara com dificuldades oriundas das construções culturais que são, ainda hoje, fortemente internalizadas. Tais barreiras dificultam que as mulheres sejam devidamente reconhecidas em sua participação na esfera profissional e familiar. Assim, romper com os papéis sociais construídos para a mulher pela sociedade patriarcal se configura como um cenário desafiador (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2006).

A inserção no mercado de trabalho, espaço predominantemente masculino; continuar abraçando o trabalho doméstico, visto socialmente como uma "responsabilidade própria da mulher", tem gerado novas experiências para as mulheres que antes ficavam subjugadas a um horizonte restrito apenas aos cuidados da família. Porém, tal experiência as tem sobrecarregado devido às demandas provenientes dessa múltipla jornada. Dentre os novos papéis assumidos pelas mulheres, pode se destacar o provedoras do lar. Foi apontado pelo Censo Demográfico de 2000, de acordo com Gomes (2002 *apud* LAGES; DETONI; SARMENTO, 2006) que uma dentre quatro residências tem como responsável uma mulher.

Lages, Detoni e Sarmento (2006) mencionam que, no que se refere ao trabalho doméstico, ainda hoje se mantém a noção de que funções domésticas são apenas femininas. Porém, é apenas quando tem um trabalho remunerado fora de casa que a mulher passa a ser considerada como trabalhadora, demonstrando a

desvalorização e falta de reconhecimento do trabalho doméstico. Assim, o que se espera da mulher é que ela não abandone o papel de responsável pelos cuidados com a família, mas que também produza, ou seja, deve assumir o papel de mantenedora social dos lares, mas também o papel de trabalhadoras profissionais, o que as coloca frente à uma dupla jornada de trabalho. Essas mesmas autoras, baseadas em Laville (1999), informam que tais situações podem ser aceitas pelas próprias mulheres como natural, uma vez que "são socializadas para serem suas piores opressoras" (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2006, p.4). Porém, a frequência cada vez maior de mulheres como provedoras dos lares e também a maternidade têm sido fatores que favorecem a distribuição dos afazeres domésticos de forma a envolver os outros membros da família (LAVILLE, 1999 *apud* LAGES; DETONI; SARMENTO, 2006).

A maternidade, dentre os demais fatores que sobrecarregam psicologicamente a mulher, atua como forte estressor, na medida em soma-se ao cansaço proveniente da dupla jornada de trabalho a preocupação com os filhos, com quem deixá-los enquanto trabalha, por exemplo. Assim, as exigências dos cuidados com a família, ao lado das exigências do trabalho, deixam as mulheres emocionalmente divididas e com sentimento duplo de culpa: "a culpa pelo abandono do lar, e a culpa por se emancipar." (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2006, p.4). Frente a tantas exigências, como colocado pelas autoras supracitadas,

ou a mulher se torna a "mulher maravilha", a super-heroína norte-americana, ou ela se estressa e adoece. Como vivemos num país de terceiro mundo, o que acontece é que o trabalho pode se tornar mais uma fonte de opressão, e não de autonomia, igualdade e liberdade. O preço, pois, da emancipação tem sido bastante alto (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2006, p.5).

2.2 GÊNERO

Papéis sociais, regras e normas constitutivas da sociedade sustentam também a construção do que é ser homem, do que é ser mulher. Essas construções são influenciadas e influenciam outras condições sociais como, classe social, orientação sexual, religião, entre outras. São justamente essas construções que embasam crenças naturalizadas de que certos comportamentos dizem respeito apenas aos homens e outros comportamentos dizem respeito apenas às mulheres. Neste TCC consideramos, então, que configurações sociais e subjetivas do masculino e feminino são construídas socialmente e internalizadas como padrões de conduta. A "internalização" dessas "verdades" faz com que mulheres e homens aprendam e adotem crenças sexista que fomentam a desigualdade entre os sexos. Porém, tais "verdades" podem ser contestadas e desestabilizadas por diversas estratégias, inclusive, mas não apenas, pela produção de conhecimentos e pesquisas. Assim, é a partir da desconstrução dessas crenças naturalizadas que se pretende alcançar a igualdade entre os sexos. Para tal, o estudo de gênero tem sido pensado a partir das teorias feministas, como uma categoria social, pelo fato de influenciar de maneira ativa o dia a dia das dos indivíduos (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010). De acordo com Pedro (2005), no Brasil ainda não poucas as reflexões produzidas por historiadoras e historiadores relativas ao gênero como categoria de análise. O termo gênero vem sendo usado nos debates do movimento feminista que buscam explicar a subordinação das mulheres.

Os movimentos feministas e de mulheres² adotaram, nos anos 1980, a palavra gênero em substituição a sexo. Tal opção está ligada à ideia de que as diferenças constatadas na forma que homens e mulheres se comportam não se ligam a uma diferença de sexo biológico, mas sim são definidas pelo social, isto é, pelo gênero. O uso do conceito de gênero, dentro dos movimentos sociais como o movimento feminista, o movimento de mulheres, de gays e lésbicas acompanha o caminho da luta por igualdade, respeito, direitos humanos e civis (PEDRO, 2005).

Margareth Mead (*apud* PEDRO, 2005) distingue o sexo biológico daquele definido pela cultura ao afirmar que sociedades diferentes se embasam em diferentes argumentos referentes às diferenças sexuais para sustentar diferenças

² Pedro (2005) entende o movimento de mulheres como se tratando de "movimentos cujas reivindicações não são de direitos específicos das mulheres. Tratam-se de movimentos sociais cujos componentes são, em sua maioria, mulheres." (p. 93)

nos papéis sociais. Carvalho (2011) indica que o termo gênero, a princípio, foi usado por autores e autoras da língua inglesa e, assim como em português era utilizado para designar palavras masculinas e femininas - gênero gramatical. Essa forma de uso revela o binarismo "natureza - cultura", como natural é tido o sexo biológico e como cultural o gênero, a ideia de sexo era tratada como algo natural e imutável, servindo como base para a construção das diferentes concepções do que é ser homem e/ou mulher, ou seja, embasando a visão de gênero.

Conforme Pedro (2005), o movimento social feminista se constitui em "ondas", a primeira delas surgiu no fim do século XIX e tinha como foco a reivindicação pelos direitos políticos e econômicos das mulheres, como por exemplo, direito de trabalhar de forma remunerada, estudar, direito à propriedade e herança, direito de votar e ser votada. A segunda onda do movimento surgiu após a Segunda Guerra Mundial, dando prioridade à luta pelo direito ao corpo e ao prazer, contra o patriarcado que se baseia na subordinação da mulher e poder do homem (PEDRO, 2005).

Foi durante a segunda onda que a categoria gênero surgiu. No entanto, o uso desse termo não ocorreu desde o início, pois a princípio utilizava-se a categoria "mulher" em contraposição a "homem" como categoria que englobava todos os seres humanos, o que ainda hoje é possível ser notado. O movimento feminista passou a questionar, justamente, essa universalidade do masculino. As reivindicações eram feitas em nome das mulheres com o intuito de mostrar que não se sentiam incluídas ao serem nomeadas pelo masculino, já que as questões relativas às mulheres não eram contempladas: a luta contra violência doméstica, direito de escolher se queriam filhos ou quando os teriam, divisão das tarefas do lar, entre outros. Assim, foi em busca do reconhecimento de uma identidade separada da do homem que esta segunda onda do movimento se articulou. As mulheres começaram, então, a se reunir para discutir e refletir acerca dessas identidades específicas. Nestas reuniões, que eram frequentadas apenas por mulheres a fim de terem liberdade para colocarem suas ideias e falarem sem ressalvas, elas concluíram que, assim como indicado por Simone Beauvoir (1967 *apud* PEDRO, 2005), o que as tinha tornado submissas era a cultura dominada pelos homens (PEDRO, 2005).

Segundo Pedro (2005), a proibição da participação de homens (perspectiva "separatista") nas reuniões mostra que as mulheres concebiam compartilhar uma

identidade comum a todas: todas eram "iguais", pelo fato de partilharem o mesmo sexo, sendo submetidas ao masculino seriam alvo da mesma forma de opressão. As mulheres ativistas e teóricas que adotaram tal perspectiva eram consideradas "diferencialistas" e acusadas de "essencialistas" por considerarem que era o sexo (biológico) que promovia a diferença na comparação entre homens e mulheres. Assim, o fato de terem um corpo que segue as mesmas regras (gravidez, menstruação, amamentação, menopausa e considerado mais fraco) as tornaria alvo da mesma submissão e violência, dando a elas a identidade de luta contra a subordinação. Por outro lado, aquelas denominadas "igualitaristas" reivindicavam a participação das mulheres no mundo público de forma igualitária à dos homens, sendo acusadas pelas "diferencialistas" de quererem que as mulheres, para participarem da esfera pública, fossem como os homens (CARAVALHO, 2011).

Nessa discussão, foram apontadas diferenças dentro da própria categoria "mulher", sugerindo, então, a adoção do termo "mulheres", uma vez que as reivindicações de grupos específicos de mulheres, as brancas, por exemplo, não necessariamente constituíam reivindicações de todas, das negras, por exemplo. Apesar das diferenças suscitadas, ambos os grupos partilhavam de uma perspectiva cultural da diferença entre os sexos, ou seja, apenas o fato de ser mulher não é suficiente para explicar a subordinação vivida pelas mulheres. Independente da discussão do termo a ser usado, todas estavam na tentativa de responder o porquê, em diversas sociedades, as mulheres têm sempre suas atividades vistas como inferiores as atividades exercidas pelos homens e sempre se encontram em posição de subordinação ao masculino (PEDRO, 2005).

Segundo Cecília Sardenberg (2004 *apud* Miranda; Andrade; Almeida, 2010), o termo gênero, a princípio, era usado apenas em contraposição a sexo e se referia a uma representação que descrevia aquilo que era socialmente construído com relação às identidades sexuais. Miranda, Andrade e Almeida (2010), baseadas em Bila Sorj (1992), informam que foi nas décadas de 1970 e 1980 que o termo passou a ser estudado com base em duas dimensões: a noção de que a relação de poder entre os sexos está distribuída de forma desigual, estando a mulher subordinada e a ideia de que gênero se trata de uma atributo "social institucionalizado" (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010, p. 3). De acordo com Judith Butler (2003 *apud* MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010), o termo, conforme os avanços das

discussões, "passou a ser considerado como categoria múltipla e relacional que abarca códigos linguísticos institucionalizados e representações políticas e culturais" (p.3).

Para Cecília Sardenberg (2004), gênero, conceito que surge no cenário intelectual no fim do século XX, é considerado como um instrumento de transformação e crítica social, uma vez possibilitou o início da desnaturalização e desconstrução da ideia de masculino e feminino a partir da concepção de que são noções que variam de acordo com a cultura e época vivida (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010).

Portanto, deve considerar-se que a conceituação de gênero carrega uma dimensão cultural, é a sociedade que oferece sentido ao termo, trata-se de uma construção social arbitrária que norteia relações sociais com distribuição desigual de poder e participa da produção de subjetividades que se embasam nessas formas de relação (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010).

Assim, para Scott (*apud* CARVALHO, 2011, p.104) "(1) gênero é uma categoria fundamental por meio da qual se atribui sentido a tudo; (2) gênero é uma maneira de organizar as relações sociais e (3) é também uma estrutura de identidade pessoal."

São muitos os fatos, em nossa sociedade, que apontam e que revelam a relação entre homens e mulheres, o masculino e o feminino, está embasada em um modelo hierárquico, no qual as mulheres ocupam posição subalterna. Quando falamos de repressão sexual, sabemos que esta é uma questão que se direciona às mulheres; aos homens por sua vez se outorga maior liberdade sexual e rótulos que não os desvalorizam - "garanhões". Os homens também estão em vantagens no que se refere ao mundo do trabalho, recebem salários maiores, mesmo quando ocupam posição igual a de uma mulher. Os cargos de chefia são ocupados em sua maioria por homens, mesmo que optem por uma profissão socialmente considerada como feminina. O masculino é associado com termos que denotam superioridade. A gramática, que é pautada por critérios arbitrários, faz essa diferenciação ao colocar o masculino à frente do feminino, quando, por exemplo, para se referir ao grupo composto em sua maioria por mulheres se usa um substantivo masculino "os alunos", "os psicólogos." (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010).

Carvalho (2011) aponta que, para Scott (1994), os usos e significados atribuídos a gênero se fazem a partir de um referencial político, entendendo-se as formas pelas quais as relações de dominação-subordinação são construídas. Assim, para Scott (1994 *apud* CARVALHO, 2011), gênero seria a

organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo [...] determina univocamente como a divisão social será estabelecida (CARVALHO, 2011, p.104).

Pedro (2005) aponta que, para Scott, são as relações sociais com base na relação de poder constituída a partir das diferenças percebidas entre os sexos que gênero se constrói. No entanto, essas diferenças não são diferenças fixas e naturais. A motivação de Scott para estudar gênero, assim como a motivação do movimento feminista, estava ligada a “apontar e modificar as desigualdades entre homens e mulheres”. Assim, o que ela pretendia era propor uma análise sobre “como as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas” (PEDRO, 2005, p.87).

Para Miranda, Andrade e Almeida (2010, p.6) "O estudo e a conceitualização do termo gênero permite entender como homens e mulheres assumem comportamentos e papéis normativos culturalmente estabelecidos e desiguais em termos de poder e importância". Para tais autoras os discursos sociais captados nas escolas, organizações, empresas, igrejas, influenciam de forma direta a construção da subjetividade dos sujeitos. Esses indivíduos, por sua vez, a partir dessa construção social naturalizada e na relação de poder existente, adotam práticas profissionais e pessoais que também validam ainda mais o sexismo.

A Psicologia, enquanto campo de pesquisa e campo de atuação profissional, muito tem a contribuir para a desconstrução desses discursos que sustentam a desigualdade entre os sexos.

3 ENTREVISTA COM AS MULHERES POLICIAIS

Neste capítulo será feita a descrição dos procedimentos para localizar as entrevistadas, de como se sucedeu a coleta de dados e, por fim, a análise da entrevista.

3.1 SELEÇÃO DAS ENTREVISTAS:

Esleveu-se como sujeito desta pesquisa mulheres que trabalham no policiamento ostensivo por estarem mais próximas ao risco que a atividade fim da profissão oferece e ao mesmo tempo não "escaparem" da burocracia organizacional e da hierarquia existente na instituição, como mencionado nos capítulos anteriores. Também como pré-requisito, para que as questões familiares também fossem abordadas, delineou-se que o perfil desejado seria de mulheres que tivessem filhos de no máximo 10 anos.

Devido ao cenário para conseguir os sujeitos, criou-se certa flexibilidade quanto aos requisitos inicialmente propostos, assim, as duas mulheres entrevistadas no momento atuavam no policiamento interno (porém com experiência de muitos anos no trabalho externo, aproximadamente entre oito e dez anos), sendo que apenas uma delas tinha filhos.

3.1.2 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. A submissão à Plataforma Brasil ocorreu no início de março de 2014, tendo recebido aprovação no final do mesmo mês. Os cuidados éticos foram seguidos conforme a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Antes que se iniciassem as entrevistas, esclarecemos as entrevistadas sobre o objetivo da pesquisa, pediu-se autorização para que suas falas fossem gravadas, para ser transcritas. Ainda, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que as participantes assinassem. Com autorização das policiais, o áudio da entrevista foi gravado, de modo a possibilitar maior preservação do discurso originalmente proferido e também o trabalho com os dados. Segue no anexo a transcrição assim como o TCLE.

Para realizar a entrevista foi necessário obter a autorização da Polícia Militar do Estado de São Paulo. O contato inicial, via *e-mail* e presencialmente, foi feito com

o setor de Comunicação Social do Batalhão do Comando Geral. Foi enviada cópia de todos os documentos relacionados à pesquisa: parecer do Comitê de Ética; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; projeto da pesquisa e uma declaração da instituição de ensino, solicitada para comprovar vínculo. Após o envio de todos os documentos, a solicitação de autorização para realizar as entrevistas foi encaminhada para um batalhão localizado na Zona Sul de São Paulo, de forma que a pesquisadora poderia ter acesso às mulheres das companhias pertencentes a esse batalhão. Desde o primeiro contato até conseguir realizar a entrevista transcorreu-se aproximadamente um mês.

Optou-se pela entrevista qualitativa, uma vez que possibilita uma melhor compreensão das vivências dos entrevistados, pois traz à tona questões subjetivas. Dessa forma,

o emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações (GASKELL, 2002, p.65).

Entre as modalidades de entrevistas qualitativa, foi escolhida a semiestruturada que será feita individualmente com cada uma das participantes. Com relação ao formato de entrevista supracitada, Biasoli Alves e Dias da Silva (1992) ressaltam que

esse formato pede também uma formulação flexível das questões, cuja sequência e minuciosidade ficarão por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que flui naturalmente no momento em que entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa permeada de perguntas abertas, destinadas a "evocar ou suscitar" uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados, surgindo então a oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos que se fazem acompanhar de fatos e comportamentos, numa captação, na íntegra, da fala dos sujeitos (BIASOLI ALVES; DIAS DA SILVA, 1992, p. 64).

Assim, a entrevista se embasou em questões que não estão apenas ligadas ao trabalho, mas também em questões relacionadas à vida em família, buscando identificar relatos de como o estresse ocupacional se manifesta também nesse outro âmbito.

O roteiro que serviu como base para a entrevista estava estruturado de acordo com as seguintes categorias:

- 1) perguntas de Identificação;
- 2) questões relacionadas à vida familiar;

- 3) questões relacionadas ao estresse ocupacional e ao estresse familiar;
- 4) questões relacionadas à mulher policial.

As entrevistas ocorreram em maio de 2014 com duas policiais de uma das Companhias de Polícia localizada na Cidade de São Paulo. As profissionais foram entrevistadas no próprio local de trabalho, em uma sala onde havia interferência sonora. Durante a primeira entrevista, na sala, a princípio, encontrava-se apenas a pesquisadora e a participante, após alguns minutos houve entrada e saída de pessoas de diferentes gêneros e idades. Assim, durante a entrevista, em alguns momentos havia a presença de outras pessoas na sala. Além disso, houve uma pausa para que a policial pudesse atender um telefonema de trabalho. Na segunda entrevista, que ocorreu na semana seguinte, não houve nenhuma interrupção. Embora a sala fosse a mesma utilizada na entrevista anterior, havia menos interferência sonora e na estava na sala encontravam-se apenas a entrevistadora e a policial.

Dentro de cada categoria havia perguntas prévias. Durante a entrevista todas as categorias previamente estabelecidas foram contempladas, entretanto, as perguntas não foram feitas exatamente na forma como estavam escritas no roteiro. Além disso, no decorrer das entrevistas, de acordo com as respostas dadas pelas entrevistadas, outras perguntas foram feitas. Abaixo seguem as perguntas preestabelecidas no roteiro, as perguntas que de fato foram feitas com relação a cada categoria. As perguntas feitas fora do roteiro seguem nas transcrições no anexo. Para a primeira entrevista, foram feitas 37 perguntas, para a segunda, 28 perguntas, contando com as questões "Gostaria de acrescentar algo" e "Como se sentiu fazendo a entrevista".

O áudio da primeira entrevista teve duração de 37min52s, houve uma pausa para que ela pudesse atender a um telefonema, que não foi calculada; o da segunda teve duração de 26min02s.

3.1.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

As entrevistas registradas em áudio foram transcritas e constituem o corpus desta pesquisa, isto é o conjunto de discursos a serem analisados. Para analisar as

entrevistas, usou-se como referencial as técnicas de análise de conteúdo de Bardin (2011).

De acordo com essa autora, a análise de conteúdo segue uma ordem de investigação que se inicia pela pré-análise, seguida pela exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Ainda, a fase de pré-análise consiste em organizar e sistematizar as ideias, sendo três os objetivos que essa etapa deve atender: a escolha o material a ser analisado, no caso desta pesquisa as entrevistas transcritas de mulheres policiais; a formulação das hipóteses e dos objetivos, aqui o objetivo é compreender a maneira como a mulher policial relata de que forma o estresse ocupacional interfere em sua vida familiar; e a elaboração dos indicadores que fundamentarão a interpretação final. Essa primeira fase se inicia pela "leitura flutuante" do material de forma a se apropriar do conteúdo, gradativamente essa leitura vai se tornando mais precisa auxiliando na constituição de hipóteses (BARDIN, 2011).

A segunda fase, exploração, refere-se ao momento em que se realiza a codificação, decomposição e numeração do material. Bardin (2011) informa que o processo de codificação é o momento em que os dados brutos são transformados a partir de "recortes: escolha das unidades; enumeração: escolha das regras de contagem, da classificação e da agregação: escolha das categorias" (BARDIN, 2011, p. 133). Aqui, utilizou-se o recorte por tema. A análise a partir de temas é utilizada geralmente para se estudar as atitudes, crenças, motivações de opiniões, tendências. Segundo a mesma autora, tema é "[...] unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve como guia de leitura" (p. 133).

Assim, com base na transcrição do discurso das mulheres policiais realizou-se a codificação e decomposição do material a partir de recortes, constituindo os temas de análise que serão descritos no próximo capítulo.

3.2 RESULTADOS

Neste tópico haverá uma breve descrição sobre as entrevistadas, contextualização dos temas/eixos analisados e a análise da entrevista a partir dos

temas destacados. Na etapa de resultados finais, buscou-se significar o temas recorrentes, os que mais apareceram e os que menos apareceram.

3.2.1 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

A fim de atender aos cuidados éticos, a identidade das profissionais entrevistadas será resguardada. Por este motivo, aqui serão identificadas por nomes fictícios, Carol e Sarah, nomes que elas próprias escolheram, a pedido da pesquisadora.

Carol, a primeira a ser entrevistada, tem 38 anos, autodeclara-se como branca, é policial há nove anos. Mora com o marido e os filhos, um menino de dez anos e uma menina de dois anos e meio. O esposo também é policial, inclusive se casaram dentro de um quartel. Mora com seu esposo há sete anos, sendo casada civilmente há cinco e recentemente entrou em processo de divórcio. A entrevistada pareceu à vontade, com discurso fluido e satisfação em participar. Em alguns momentos, percebeu-se mudança no tom da voz dando ênfase em algumas palavras.

Sarah, a segunda entrevistada, tem 35 anos, é policial há catorze, casada há 10 anos, mora apenas com o marido, já que não tem filhos. Informou planejar engravidar ainda nesse ano. No primeiro contato, Sarah foi receptiva, mas demonstrou certo receio em participar, principalmente ao saber que haveria gravação do discurso. Aceitou ser entrevistada após o fim da entrevista com Carol, por uma questão de agenda a entrevista com ela aconteceu na semana seguinte. Durante a entrevista mostrou-se à vontade, seu discurso foi mais pausado que o de Carol e com respostas mais curtas.

Quadro 01 - Caracterização das Entrevistadas

Entrevistada	Idade	Raça	Estado Civil	Tempo de profissão	Filhos	Patente
Carol	38	Branca	Casada	9 anos	2 (10 e 2,5)	Cabo
Sarah	35	- ³	Casada	14 anos	Sem filhos	Cabo

Fonte: Elaborado pela autora

³ Durante a segunda entrevista esta questão não foi abordada.

3.2.2 TEMAS ANALISADOS

O roteiro da entrevista, além das questões de identificação, continha outras que foram agrupadas em três categorias:

- 1) vida familiar: contexto familiar; apreciação da profissão pela família;
- 2) estresse: estresse ocupacional e implicações na vida familiar; estresse familiar e implicações no trabalho; Percepção, sentimento e enfrentamento.
- 3) mulher policial: diferenças entre homens e mulheres, acesso a cargos, postura e imagem da mulher policial.

Da transcrição, os temas recorrentes foram agrupados em categorias, sendo que algumas repostas se encaixam em mais de uma categoria. Outros temas surgiram, além dos já previstos, a saber:

- 4) formação e trajetória profissional das Entrevistadas;
- 5) imagem da Polícia Militar

No tópico abaixo será feita a análise das entrevistas. A princípio se analisou os temas que o roteiro previa e posteriormente os outros temas que surgiram no decorrer da entrevista.

3.2.3 A ANÁLISE DA ENTREVISTAS

Vida familiar: contexto familiar e apreciação da profissão pela família

Neste eixo, abordou-se o contexto familiar das entrevistadas e apreciação da profissão por parte da família. Carol inorma que entrou para a escola de Polícia, morava com a mãe e irmão e já tinha um filho, na época com um ano e quatro meses. Há dois anos e meio Carol teve uma filha. Quando questionada sobre como vivencia a maternidade após a escolha da profissão, ela aponta que foi um período mais tranquilo em comparação à época em que entrou para escola de polícia e seu filho era pequeno: "*[...] o processo de maternidade depois da escolha, no caso a menina, a mais novinha, foi até mais fácil. Pior foi o menino, né? Que tinha nascido recentemente eu entrei na escola, é mais complicado porque na escola a gente fica mais tempo, a semana inteira, o dia inteiro, então era mais complicado tem as punições quando a gente comete transgressões na escola [...]*" (CAROL).

Como um dos motivos para o fato de a segunda gestação ter sido um momento considerado mais *"fácil"*, Carol aponta o cuidado da instituição com as gestantes que trabalham no policiamento na rua. De acordo com ela *"[...] eles tiram a gente da rua, colocam a gente pra fazer serviço interno, a gente não faz esforço físico alguém, então foi tranquilo."* (CAROL).

A policial informa que, no momento, ainda não almeja o cargo de sargento pelo fato de os filhos ainda estarem pequenos, apontando o horário de trabalho como um fator que dificulta o cuidado dos filhos: *"[...] não quis ir a sargento ainda, né? Porque agora com os dois pequenos é difícil, né? Eu tô me divorciando, então eu vou ficar com as duas crianças sozinha isso é um pouco complicado pra gente por causa dos horários de trabalho [...]"* (CAROL).

Sarah, a segunda entrevistada, é casada há 10 anos, atualmente mora apenas com o esposo, já que ainda não tem filhos, algo que informa estar planejado ainda para este ano. No que se refere à apreciação familiar, Sarah conta que sua mãe ficou *"temerosa"*, embora tenha sido incentivada pelo pai, também militar, ela comenta que, na verdade, seu pai explicitou certo receio: *"[...] não sei se porque é pai, por que ele conhece, né? os problemas, as dificuldades que ele viveu, de repente ele teve aquele receio, né? "Ah minha filha, mulher", então de repente ele teve o receio, mas ele me incentivou também"* (SARAH)

Carol assinala que, sua mãe, embora a tenha apoiado, cuidado do seu filho, era contra que exercesse a profissão de PM: *"Minha mãe também sempre me apoiou, me ajudou muito, ela que cuidou do meu filho tal. Porém ela era contra, ela não queria."* A policial ponderou que, para quem não tem contato com o meio militar, para quem não vem de família onde há policiais, a aceitação se apresenta de forma mais complicada até mesmo pelo que é divulgado na mídia sobre a categoria profissional: *"Então no começo foi difícil, minha mãe sofreu, quem não tem, quem não tem esse contato sofre muito, porque tem medo, porque é perigoso, e e e toda hora na televisão falando de ataque, morre policial, e não sei o que, as condições salariais, então as famílias não querem muito"* (CAROL).

Estresse ocupacional e implicações na família

Com relação ao segundo eixo, buscou-se captar como as entrevistadas assinalavam as fontes de estresse provenientes do trabalho, o estresse ocupacional,

e a implicação de tal estresse sobre a vida familiar, bem como quais as fontes de estresse familiar e suas possíveis interferências no trabalho. Ainda, abordaram-se questões referentes a estratégias de enfrentamento, a percepção e sentimento frente ao estresse.

Ao se referir ao estresse ocupacional, Carol assinala como os principais pontos: o horário de trabalho - que aparece como um empecilho para os cuidados para com os filhos, uma quebra no ciclo biológico do próprio policial, afetando sua paciência e as dificuldades do trabalho na rua. Com relação ao trabalho na rua, afirmou: *"[...] você tem um horário de serviço, você tem uma carga horária a ser cumprida, tem o horário de entrar e de sair, só que o serviço em si não te permite ter certeza do horário que você vai sair, você pode pegar um flagrante, você pode pegar um flagrante na hora de ir embora e fica na delegacia no dia seguinte. Enfim, então pra gente que tem filho pequeno o serviço complicado"* (CAROL).

Ainda com relação à questão do horário, segundo a policial, ocorreu uma mudança na jornada de trabalho dos policiais que exercem o patrulhamento, o horário que antes era 12/36 (doze horas de trabalho por 36 de folga) passou a ser 12/24 - 12/48 agravando a situação. De acordo com ela *"[...] veio na ordem, mudou nosso horário, que antes era 12/36, dia sim dia não e agora é 12/24 - 12/48. Eu explico, você trabalha 12 horas, trabalha durante o dia, a noite folga, no outro dia ao invés de entrar de manhã você vai entrar a noite vai trabalhar a noite toda e aí folga dois dias"* (CAROL).

Carol informa que trabalhou de acordo com essa nova escala por volta de dois a três meses, já que, após o afastamento da rua, está no serviço administrativo que tem escala de horário diferente. Embora considere que foi por pouco tempo que experimentou tal escala, revela que não se acostumou, *"[...] não me acostumei, a maioria das pessoas com quem eu converso até hoje não se acostumou, é impossível [...]", [...]* seu organismo fica bagunçado, um dia você tá de dia, um dia você tá de noite, então quer dizer, você não sente mais a hora que você sente fome, a hora que você sente sono" (CAROL).

Para ela tal horário é ainda pior no caso das mulheres que são responsáveis pelos cuidados dos filhos. Carol acredita que *"No caso da mulher é ainda pior [...] mas é, geralmente essa função é da mulher e pra mulher fica mais carregado, por quê? eu trabalho a noite inteira, tenho uma filha de dois anos e meio [...], [...]* Aí eu

trabalhei a noite inteira chego em casa vou dormir? não, não vou dormir eu vou cuidar da bebe, entende? Cuidar da bebê cuidar da casa, não sei o que [...] a gente virou meio que mulher elástica, né? A gente se estica pra lá, se estica pra cá, se vira, deixa com um, leva pra escola, busca, não tem muito o que fazer a gente tem que se transformar em mil mulheres" (CAROL).

A partir do discurso de Carol é possível perceber que são muitas exigências, de modo que afeta o controle que a mulher tem da situação: *"Então acaba que bagunça mesmo, a gente começa a ficar doente, começa ficar estressado, aí entra o estresse do trabalho por que você não descansa direito, você não come direito e aí você perde paciência com os filhos, perde paciência com o marido, Perde paciência com o mundo, né?" (CAROL).*

Acerca dos problemas originados no trabalho na rua, a policial aponta a dificuldade de lidar com todo tipo de público, presenciar e ter contato com as mais diversas demandas, que geralmente envolvem sofrimento e das possíveis reclamações do trabalho do policial que chegam ao batalhão para ser apuradas. Ela afirma que o dia a dia na rua é estressante, o que pode afetar a saúde. Conforme ela: *"Porque você lida com todo tipo de gente, você vê coisas absurdas na rua [...], [...] a gente lida com coisas muito ruins o dia Inteiro [...]". Para ela, "[...] por mais que a gente encare numa boa, aquele momento você "ah eu tô acostuma, é só mais um" eu acho que psicologicamente falando isso afeta a gente de alguma maneira. Eu acho que isso afeta até um pouco da nossa saúde psicológica [...]". Como efeito disso Carol aponta que: "... a gente começa a sentir um pouco da carga disso tudo e você vai pra casa com aquela sensação de poxa, o mundo é feio, isso que acho que acaba sim mexendo com a nossa saúde mental [...]" (CAROL).*

Para Carol, determinadas situações enfrentadas pelo policial podem provocar perda de controle na forma como fala com as pessoas, podendo o profissional sofrer uma averiguação do batalhão, o que é apontado por ela, como uma fonte de estresse: *"às vezes fica nervoso diante de tal situação e acaba se excedendo, acaba falando um pouco mais alto, aí é uma pessoa um pouco mais influente e ela "você não sabe com quem tá falando" e vem no batalhão fazer reclamação, é claro que eles vão apurar tudo, só que até então você passa por esse estresse, ficar indo lá depor, justificar porque que você falou mais alto, porque que você xingou e porque*

que você não fez isso e porque que você, entendeu? Isso tudo eu acho que estressa, é o dia a dia mesmo" (CAROL).

Assim como Carol, Sarah aponta que, no policiamento externo, além da incerteza com relação às ocorrências, o lidar com o público pode ser um estressor, segundo a policial: *"No dia a dia a gente trabalha com público diferenciado, as ocorrências são diferenciadas, cada ocorrência é de uma forma, inicia de uma forma e terminam de outra [...]" (SARAH).* A entrevista ainda ressalta que o trabalho externo, em comparação ao policiamento interno, coloca o policial em contato com um público desconhecido, com demandas que, muitas vezes, não cabem ao atendimento policial *"[...] trabalhar na rua que é externamente é aquela questão de você de você também não conhecer a outra pessoa, você vai chegar na ocorrência e ela tá lá com os problemas dela e quer que você resolva, muitas vezes nem é competência da polícia, nos estamos ali mais para conversar, minimizar, para orientar, né? Então gera um... se você não tiver um psicológico bem forte você vai se estressar" (SARAH).*

Quanto ao estresse decorrente do policiamento interno, Sarah aponta que é um estresse diferente da situação na rua: *"[...] acredito que seja a cobrança dentro do nosso meio mesmo interno, que é dos nossos superiores, do nosso comando, aí exige muito [...] a gente tem que lidar com documentações, então a gente tem prazos, tem que se atentar a prazos" (SARAH).*

De forma indireta, Carol informa que embora mudanças tenham ocorrido na instituição ainda há fortemente a questão da hierarquia *"[...] aqui dentro a gente tem que se submeter a regras, a hierarquia que é uma coisa muito forte ainda, eu falei pra você que mudou bastante o comportamento das pessoas, porém a hierarquia ainda existe [...] existem as regras você tem que cumprir e pronto" (CAROL).* Ainda a policial informa que na escola de polícia isso se apresenta de forma mais intensa, porém ainda existe após a escola *"[...] não é que a pressão seja menor... então você não se sente mais tão pressionado quanto lá?" (CAROL).*

Carol diz que embora haja a tentativa de separar as duas esferas (familiar e profissional), há momentos em que perde o controle, tendo reações como, por exemplo, agressividade. Ela comenta que *"[...] por mais que a gente encare isso numa boa, ou porque já acostুমou ou porque vem tentando mentalizar isso "olha minha família é uma coisa, meu trabalho é outra" a gente até tenta separar, só que*

aquilo já tomou conta da gente eu acho que uma hora ou outra você acaba perdendo a paciência, gritando um pouco mais com quem não tem que gritar, eu acho que interfere sim" (CAROL).

As duas policiais entrevistadas são casadas com policiais, porém o contexto familiar de Sarah se diferencia pelo fato de ainda não ter filhos. Para Sarah, o fato de o esposo ser policial é um facilitar para que o estresse do trabalho não implique na família. Ela comenta que *"ele sendo policial, então acaba que um entende o outro, um ajuda o outro, a gente conversa mais sobre o assunto, se for ter algum problema que passou, uma situação diferente, estressante no dia, a gente acaba coversando, se entendendo e depois a gente percebe que tudo é momentâneo, que tudo passa"*. (SARAH).

Estresse familiar e implicações no trabalho

Quando o questionamento é feito de forma inversa, sobre as situações estressoras do âmbito familiar e quais as implicações delas no trabalho, Sarah aponta não ter essa vivência e crê que o âmbito familiar e profissional se encaixam: *"eu acredito que eu não tenha nenhum problema assim relacionado à PM e família nesse sentido porque eu acredito que tudo, eu tento pensar positivo, que tudo se encaixa, PM, família, família, PM"* (SARAH).

Carol aponta que não ocorrem interferências. Embora esteja em processo de divórcio, explica que nesse momento, o trabalho atua como uma válvula de escape. Apesar disso, reconhece que pode ser que haja sim influências do estresse familiar no dia a dia no trabalho: *"talvez inconscientemente da mesma forma que ao contrário, né? Você acaba perdendo um pouquinho mais de paciência, hoje por exemplo, eu não lido mais com o público externo, mas eu trabalho num setor aqui onde eu atendo os policiais o tempo inteiro. Então você acaba se estressando um pouco mais com uma colega talvez que você tenha problemas [...]"* (CAROL).

Percepção, sentimento e enfrentamento

Ambas as entrevistadas informaram ter percepção de quando estão estressadas, uma vez que isso acarreta alterações em seus comportamentos, embora tenham indicativos diferentes. Carol aponta que *"[...] tem sim os momentos que eu falo "eu tô estressada" essa não sou eu, né? Quando você dá um berro pra mais você fala "nossa" não era pra tanto, isso tanto em casa quanto no trabalho,*

né?" (CAROL). Tal vivência traz implicações em sua relação com as pessoas, além disso, que lhe causa sentimentos de impotência. Com relação a esse sentimento, ela diz que *"[...] eu acho que bate um pouquinho de frustração, né? De derrota, né? Porque que eu não consigo lidar com isso? Mas foi aquilo que eu falei, nos não somos máquinas [...]"* (CAROL).

A percepção de Sarah quanto ao seu estresse ocorre quando se percebe mais agitada, já que se considera uma pessoa mais *"tranquila"*: *"[...] eu percebo que tô um pouco mais agitada, inquieta, ansiosa, tem coisas que despertam na gente que, tipo preocupação, ansiedade, né?"* (SARAH). A partir do discurso de Sarah, em comparação com o de Carol, tem-se a sensação que o sentimento de Sarah frente ao estresse parece ser mais ameno, menos desagradável, segundo ela: *"[...] acaba passando, tudo se ajeita, passa"* (SARAH).

Como forma de enfrentamento frente ao estresse, as policiais se referiram a estratégias distintas. Sarah informou ser evangélica e acreditar que a religião, para ela, é a principal forma de enfrentamento: *"[...] eu entrego tudo, coloco tudo na mão de Deus, né? Pela fé acaba passando os problemas, o estresse"* (SARAH). De forma secundária, a policial aponta que usa também como estratégia manter o foco no trabalho, adotando a postura de ficar *"mais atenta ao trabalho, mais focada ao trabalho independente que uma coisa te tire a atenção, tire seu sossego, você se focar naquele se objetivo e você manter o seu trabalho ali em paz"* (SARAH).

Embora nunca tenha feito, Carol acredita que fazer terapia serve como uma boa estratégia para lidar com o estresse, já que *"[...] vezes é uma pessoa mais introspectiva, né? É como que fala? mais retraída, eu não sei que termo que vocês usam, mas que tem dificuldade de externar o que sente."*, *"[...] a impressão que eu tenho é essa, que a terapia serve também pra isso, então eu acho que todo mundo devia fazer, que acho que resolveria a maior parte do problema [...]"* (CAROL). Apesar de dizer não fazer uso nenhuma estratégia para lidar com, acredita que existam, por mais seja possível a todos: *"[...] deve existir várias formas, mas só que assim, as vezes não tá ao nosso alcance, né?"* (CAROL).

Mulher policial

Visava-se, a partir das questões relacionadas a esse eixo, a apreender as percepções das entrevistadas sobre a imagem da mulher policial; percepções

referentes a diferenças entre homens e mulheres na instituição e sobre a possibilidade de acesso a cargos.

Diferenças entre homens e mulheres na instituição

Carol ressalta que ainda hoje, mesmo com a trajetória que as mulheres têm seguido, o mundo ainda é preconceituoso. Com relação ao mundo militar, partindo principalmente da vivência em seu Batalhão, Carol comenta que são poucos os homens que diferenciam ou que declaram não querem trabalhar com mulheres: *"hoje aqui dentro mesmo do trabalho, claro que tem ou outro que faz essa diferença" ah eu não quero trabalhar com mulher" né? porque tem muito disso, "Eu não vou, eu vou trabalhar com uma mulher na viatura, eu não quero" Não quer dizer que vá ser do jeito que ele quer, mas existe alguns, mas são pouquíssimos"* (CAROL).

Sarah também acredita que, atualmente, a mulher policial vem sendo mais bem aceita. Com relação aos pares, Sarah diz acreditar que: *"[...] hoje a policial feminina ela está sendo aqui dentro melhor aceita, porque eu acho que antigamente, vamos dizer, vai quando eu cheguei, por exemplo, que cheguei a ouvir muitos, não diretamente pra mim, mas quando você ouve assim falar "oh aquele policial ali masculino não trabalha com mulher", a gente ficava assim nossa, né? e agora como vai ser e tal? aquela preocupação gerando aquele estresse, vamos dizer, né? Mas depois a gente foi notando que tudo mudou, né?"* (SARAH). Tal aceitação parece não acontecer de forma gratuita, uma vez que a policial explica que: *"A policial feminina ela vai demonstrar o que ela é, a forma como ela trabalha, a forma dela ser mesmo. Então aí é que vai refletir o que as pessoas vão verificar dela, o que as pessoas vão perceber dela como policial militar, como ser humano"* (SARAH). Assim é como se a mulher policial no início tivesse que se provar, pois desta forma: *"[...] o policial vai verificando seu tipo de trabalho, sua ação, a pessoa que é, aí na verdade tudo se resolve, tudo acabando normal, tipo verificando que não tem como não trabalhar com policial feminina até porque a gente tem um espaço muito grande hoje, né? Diferente de anos atrás"* (SARAH).

A respeito dos superiores, Sarah aponta que o tratamento dado aos homens e mulheres não se difere, porém, embora aponte como uma brincadeira por parte dos comandantes, todos são vistos como homens: *"Aqui dentro da instituição somos todos iguais assim, os comandantes, superiores nossos vão nos tratar da mesma*

forma, como, até eles brincam que somos todos homens, né? Policiais Masculinos, para não ter problemas de serem diferenciados" (SARAH).

Possibilidade de acesso a cargos

Carol acredita que o tempo tem provocado mudanças quanto ao acesso a cargos, de forma que hoje não há distinção nas possibilidades para homens e mulheres. Ela informa mudanças na profissão: *"[...] antigamente policial feminina só trabalhava no serviço comunitário [...] mas o quadro aqui dentro era diferente, por exemplo, as promoções, quando abria vaga pra cabo era tantas vagas pra homem e tantas vagas pra mulher, agora juntou tudo, agora o quadro é o mesmo" (CAROL).* Embora acredite nessas mudanças, Carol ressalta que alguns trabalhos se tornam difíceis para as mulheres devido a uma "condição física": *"É uma condição, né? Uma condição física, não tem o que escolher, o homem é mais forte...".* Para ela, ainda ocorre o inverso, mulheres que aproveitam a condição de ser mulher para não realizar certos trabalhos: *"O que a gente houve muito, por incrível que pareça, se as meninas me escutarem vão me bater, mas o que a gente vê muito é mulher se valendo de ser mulher pra ter vantagem 'ah não eu sou mulher, como é que vou fazer isso?" (CAROL).*

Sarah também se refere ao tempo como um fator de mudanças quando se fala das possibilidades da mulher dentro da corporação, de acordo com ela: *"[...] hoje também está melhor essa questão de promoções, de vagas [...]".* Com relação ao passado aponta que: *"[...] antigamente eram mínimas as vagas para as policiais femininas e hoje na verdade é igual. Tem pouco tempo, se não me engano deve ter uns dois anos mais ou menos, se tiver, dois anos que foi igualado as vagas [...] antigamente não acontecia isso era no mínimo, não chegava a 10%, das cem vagas, 10% seria de feminino, aí melhorou bastante" (SARAH).*

Postura e imagem e da mulher policial

Se, por um lado, Carol aponta que, internamente, as diferenças entre homens e mulheres tenham diminuído, por outro lado, aponta que na rua a situação é diferente, há preconceito por parte do público quanto à imagem da mulher policial. Inclusive justifica que duas mulheres não podem trabalhar juntas em uma mesma viatura por conta *"[...] desse preconceito que tem lá fora" (CAROL).*

De acordo com a policial, a imagem masculina é mais valorizada que a feminina, de forma a exigir que as mulheres adotem postura mais "autoritária": *"então muitas pessoas ainda tem essa ideia de que de que a mulher policial é mais masculinizada [...] até as pessoas na rua você percebe que pra você ter credibilidade com eles, você tem que chegar a mandona, a brava, entendeu? Porque se você chegar, um pouco mais delicada, feminina e não sei o que as pessoas acham que "ah é mulher", entendeu? Você tem que ser um pouco, é, não diria autoritária porque fica forte, mas mais séria mesmo"* (CAROL).

Sarah faz apontamentos diferentes do de Carol, para ela o trabalho da mulher policial se distingue do trabalho do homem policial, inclusive recebendo, por parte do público externo, um melhor reconhecimento. Sobre sua percepção, a policial aponta que: *"[...] percebo que assim, a mulher policial ela é diferenciada [...] não somos melhores, mas somos diferenciadas, nós temos uma visão, né? diferente assim, de trabalho, eu acredito que nós temos, querendo ou não, nós temos uma percepção diferente, de chegar, de atender uma ocorrência, uma visão, um atendimento mais social, né? Eu acredito que somos diferenciadas e por isso de repente a policial feminina se destaca um pouco melhor [...] a gente chega muitas vezes em qualquer lugar, em qualquer situação e a gente é vista de outra forma, é como se falasse assim "nossa é diferente", né? Aí o tratamento é diferente, a recepção é diferente, é sempre de uma forma boa, melhor"* (SARAH). Baseada em sua vivência conta que: *"[...] eu chegava nas ocorrências o pessoal "nossa que legal", já acha diferente, já, muitas vezes costuma como se diz, é... posterior costuma agradecer mais, reconhece, a gente percebe que reconhecem mais no geral [...]"* (SARAH).

Formação e trajetória das entrevistadas

Carol informa que sua aspiração profissional seguir para o Corpo de Bombeiros. Porém durante os estágios obrigatórios na Escola de Polícia se "encantou" pelo policiamento. A formação em Soldado de 1º classe aconteceu em 2006 e desde 2010 tem a patente de Cabo. Está atuando em atividade meio, pois relata que há, aproximadamente, três meses se acidentou durante uma ocorrência, tendo de se afastar do trabalho na rua.

Para Sarah, a escolha da profissão está intimamente ligada com seu histórico familiar, uma vez que a policial é filha e sobrinha de militares. Para ela, a escolha

profissional " *Tá no sangue mesmo, meu pai é militar, tem um tio militar e os dois que me incentivaram a entrar na PM, nunca imaginei [...]*" (SARAH).

Com relação à formação na Escola de Polícia, surgiram apontamentos diferentes. De um lado, Sarah informa que, durante esse período, o conhecimento sobre a Polícia fica: "*[...] somente na teoria [...] e posterior que a gente vai conhecendo mesmo a prática que é aqui, né?*" (SARAH). Por outro, Carol aponta que: "*Lá a gente faz estágio, a gente vai pra rua com os superiores pra conhecer, pra ver como que é [...]*" (CAROL). Tal desencontro de informações pode se apresentar devido ao fato do ano de formação das policiais ter sido diferentes: Carol se formou há menos tempo que Sarah.

Carol aponta que se refere ao tempo de escola como uma fase mais complicada, pelo fato de passarem muito tempo e por conta das punições existentes, conforme trecho "*[...] é mais complicado porque na escola a gente fica mais tempo, a semana inteira, o dia inteiro, então era mais complicado tem as punições quando a gente comete transgressões [...]*" (CAROL).

Carol e Sarah pertencem ao mesmo batalhão e estão lá desde a formação. Quanto a sua trajetória, Carol conta: "*[...] eu me formei em 2006, em 2010 eu prestei concurso pra cabo e tô aqui como cabo [...]*" (CAROL). A policial sempre trabalhou na rua, porém conta que há aproximadamente três meses sofreu uma queda durante o trabalho e está atuando internamente por volta de 15 dias "*[...] então agora eu já não trabalho mais no patrulhamento por isso também, eu tenho um problema no joelho que eu adquiri aqui trabalhando, fui pular um muro, eu cai, me machuquei [...]*" (CAROL). Sarah se formou soldado da Polícia Militar há 14 anos e assumiu recentemente a nova patente: "*eu sou cabo há mais ou menos um mês, vai completar um mês só. Porque? porque na verdade foi uma promoção que ela veio do nosso governador, ele deu uma promoção assim, super grande, por reconhecimento [...]*" (SARAH).

Sarah também atuou a maior parte do tempo na rua tendo optado pelo trabalho interno por conta do horário. Conforme ela "*[...] tem uns três anos que eu tô interna, mais ou menos uma média de três anos interna. Eu assumo que é pelo do horário, eu prefiro trabalhar internamente por quê? porque você tem um horário para entrar, você tem um horário para sair [...]*" (SARAH). Embora o motivo de Carol para

estar no trabalho interna não seja diretamente o horário, ela também faz menção a esse fator ao se referir ao trabalho externo *"o serviço em sí não te permite ter certeza do horário que você vai sair [...]"* (CAROL).

Ambas relatam gostar do policiamento na rua, Carol conta que apesar de amar o trabalho na rua, para quem tem filhos é mais difícil: *"Eu adoro a rua, eu tenho paixão pela rua, eu morro de saudade da rua. Mas não tem como, além do que também tem as crianças [...]"* (CAROL). Sarah avalia ter sido bom trabalhar na rua pelo fato de poder entender ajudar o público: *"[...] no geral foi bom trabalhar externamente, né? Porque a gente convive com a pessoa, com o público, com o cidadão lá fora, a gente entende o que ele necessita, a gente, da melhor forma, né? A gente tenta ajudar da melhor forma é muito bom, eu gosto do policiamento externo"* (SARAH).

Imagem da polícia militar

Durante a entrevista, as duas policiais fizeram considerações sobre a imagem do policial. No discurso de Carol, tal tema surgiu de forma indireta quando respondia sobre a aceitação familiar. Para ela, *"O que antes era visto como heroísmo, hoje eu diria que a nossa imagem tá um pouco denegrida, né? [...] acho que a gente é desvalorizado, por todos, pela sociedade, é pela mídia de forma geral, entendeu? O policial tá sempre errado em tudo"* (CAROL).

Já no discurso de Sarah, tais considerações surgiram quando questionada se gostaria de acrescentar algo à entrevista, ela aponta que embora hoje a situação seja melhor, ainda não há por parte de toda sociedade a aceitação que os profissionais gostariam de receber e diz não apenas com relação à polícia feminina: *"eu acredito que a policia militar feminina ainda precisa ser mais, no geral, o policial militar precisa ser mais reconhecido, ser mais aceito pela sociedade no geral [...] a gente gostaria de uma aceitação melhor em todos os sentidos, né? Principalmente lá fora, da sociedade"* (SARAH).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, realizar entrevistas, foi fundamental e reveste-se de grande importância. Buscou-se, por elas uma aproximação com o universo e vivências de mulheres Policiais Militares, não nos contentando apenas com o que foi encontrado na revisão bibliográfica, ou seja, exploramos além da literatura. Desta forma, acreditamos que tal feito transforma esta pesquisa em algo mais real, já que foi possível, embora o número de entrevistadas ter sido pequeno, notar que há necessidade de que alguns pontos sejam revistos em próximas pesquisas, o que será sugerido ao final deste capítulo.

Os enfoques teóricos abordados neste trabalho, estresse ocupacional e gênero, embasaram a forma como o roteiro de entrevista foi elaborado de forma a abordar os temas propostos inicialmente. Além dos temas que foram propostos, outros temas não previstos surgiram a partir do relato das mulheres, e foram acolhidos.

Ambas as entrevistadas apontaram receio por parte de familiares quanto à escolha profissional, o que reflete uma preocupação baseada na percepção de que se trata de uma profissão perigosa, que coloca os indivíduos em constantes riscos.

Com relação aos fatores organizacionais vistos como estressores quando se trata do policiamento externo, foi apontado com unanimidade a questão de ter de lidar com público de diferentes perfis que, muitas vezes, se encontram em situações que envolvem sofrimento, além da incerteza quanto às ocorrências, dadas as especificidades de cada situação. Lidar com situações desconhecidas pode gerar estresse.

Ainda no âmbito organizacional, apareceu a questão do horário, sendo muito mais explorado pela policial que tem filhos, uma vez que relata dificuldades em conciliar a extensa jornada de trabalho da rua com as demandas familiares, como apontado por Constantino, Minayo e Bezerra (2013). Ambas entrevistadas consideram o horário como bom motivo para seguir no policiamento interno, uma vez que a jornada é mais certa quanto ao horário de entrada e de saída. Quanto ao estresse relacionado ao trabalho interno, foi apontado que os prazos e cobranças constituem fatores estressores.

As entrevistadas assinalam que, em decorrência do estresse proveniente desses fatores, ocorrem mudanças no comportamento, tais como, agitação, falta de paciência, falta de controle, quebra no ciclo biológico e, até mesmo, doenças o que vai ao encontro do que foi mencionado por Murta e Trocólí (2004), Oliveira e Bardagi (2010).

De forma indireta mencionaram a existência de hierarquia e regras na instituição, o que não deixa de ser um fator propício a se tornar um estressor, como visto em Silva e Vieira (2008), uma vez que, frente à hierarquia, os profissionais podem ficar subjugados e com dificuldades de exercerem sua autonomia dentro da instituição.

Quanto à interferência do estresse gerado no contexto familiar e suas implicações no trabalho, as duas entrevistadas acreditam não haver situações que promovam esse tipo de relação, mas que, talvez, possam ocorrer de forma "inconsciente".

Em consonância com a literatura, o discurso da entrevistada que tem filhos validou o que a literatura aponta referente à questão da dupla jornada: as mulheres ganharam o ambiente de trabalho, porém ainda são socialmente vistas como responsáveis pelo cuidado dos filhos e da casa, conforme apontado por Lages, Detoni e Sarmiento (2006), Cappelle e Mello (2010).

No que se refere às estratégias de enfrentamento as entrevistas apontam a religião, a terapia, embora não a façam, e o foco no trabalho como as melhores estratégias.

As duas policiais entrevistadas não relataram experiências diretas de diferenciação por serem mulheres: relataram que mudanças quanto à aceitação de mulheres na instituição aconteceram conforme o tempo, sendo poucos os policiais que hoje em dia demonstram-se insatisfeitos por terem de trabalhar com uma mulher. Hoje, de acordo com elas, a aceitação de mulheres se apresenta de melhor forma, porém, parece ser necessário que a mulher prove a que veio, para, então, ser aceita. Além disso, apontam que os comandantes as tratam da mesma forma, "brincando que todos são homens".

Quanto aos sentimentos e percepções do estresse que sofrem, houve diferenças, que talvez possam se justificar pelo fato de que a mulher (Carol) que se

mostrou mais afetada tem um contexto familiar (dois filhos) que a demanda mais e saiu do policiamento externo, apontado por elas como mais estressante, há pouco tempo (3 meses).

Outra mudança apontada diz respeito à possibilidade de carreira, já que hoje não há mais diferenciação ou restrições quanto à porcentagem permitida de mulheres na corporação. As duas mulheres apontaram motivos próprios para estarem exercendo atividades meio, não fazendo referência a nenhuma dificuldade de galgar carreira, exceto pela promoção por reconhecimento que ocorreu tardiamente para uma das duas entrevistas, o que destoa do que foi visto em Musmeci e Soares (2004) e em Cappelle e Mello (2010). O fato das duas mulheres pertencerem ao mesmo batalhão e terem ido da escola direto para lá, faz com que tenham, praticamente, o mesmo contexto social de trabalho, fator que pode ter influência nessa concordância quanto a esses temas.

Algo interessante que foi observado nas idas aos batalhões para solicitar a autorização, e na própria companhia para realizar as entrevistas, e que também faz pensar nas relações de gênero, é que as mulheres são chamadas pela patente no masculino "o capitão", "o sargento". O que pode reforçar o que foi dito pela policial sobre todos na instituição serem iguais "homens".

Notamos, entre as entrevistas, discrepância quanto à percepção da imagem e postura da mulher policial. Para uma delas, a mulher policial é mais bem vista e reconhecida pela sociedade por prestar um melhor atendimento, ter uma visão mais social. Aqui faz-se o questionamento se tal postura não é resquício da antiga atuação da mulher, mais voltada a atividades tidas como femininas. Já para a outra policial, na rua, a postura masculina é mais valorizada, tendo as mulheres de assumir uma postura menos delicada e feminina, o que também foi apontado por Calazans (2004) e Oliveira e Bardagi (2010). Assim, tal forma de agir pode justificar a percepção apontada pela própria entrevistada de que é comum que as mulheres policiais sejam vistas como masculinizadas.

A imagem da PM, de forma geral e não apenas quanto às mulheres, foi um assunto abordado pelas duas policiais: ambas têm a percepção de que a profissão é desvalorizada pela sociedade e pela mídia, sendo acusados de estarem errados em tudo. Ainda houve o pedido de que gostariam de ser mais bem aceitas e

reconhecidas. Lembrando que essas entrevistas foram realizadas após as manifestações de junho de 2013, quando a polícia esteve em grande evidência.

Após a análise dos temas, foi possível notar que alguns aspectos trazidos pelas entrevistadas já destoam do que foi encontrado na revisão de literatura, como, por exemplo, a questão do limite estabelecido quanto ao acesso aos cargos dentro da instituição; com relação à formação do policial, mostrou-se necessário que outras pesquisas sejam realizadas a fim de se traçar um perfil mais atual quanto ao que vem acontecendo, uma vez que ambas as entrevistadas apontaram informações distintas sobre sua passagem pela escola de polícia.

A conclusão deste trabalho faz suscitar inúmeras outras questões que podem ser abordadas em outros trabalhos, como por exemplo: realizar entrevistas junto a mulheres de companhias diferentes, pois serão contextos de trabalho distintos, o que pode implicar na percepção sobre a mulher policial; com tempo diferentes tempos de profissão, para verificar se quando iniciam a carreira as mulheres recebem tratamento diferente do que recebem quando já tem mais tempo de profissão; buscar entender melhor como se deu a mudança no quadro de vagas destinadas às mulheres; entrevistar comandantes a fim de entender qual percepção têm dos seus e suas liderados (as). Não foi abordado e não surgiu no relato das entrevistas menções sobre a divisão do encargos domésticos com os parceiros, seria interessante abordar tal tema, afim de ter mais informações sobre a dupla jornada vivida pelas mulheres, já que tal questão aparece como um fator potencializador do estresse, tendo também relação com a diferenciação entre gêneros.

Durante a entrevista não houve nenhuma menção a formas de enfrentamento de estresse oferecidas pela instituição, pensa-se que seria interessante um estudo que abordasse tal contexto, a fim de explorar se existe algo que a instituição faça, a quem se destina e quais as possibilidades de acesso; se não existe, o que pode ser proposto. A entrevistada que tem filhos, sugere que a criação de uma creche para os filhos de policiais ajudaria muito a diminuir o estresse uma vez que as policiais que são mães poderiam ficar tranquilas sabendo que seus filhos estão por perto e sendo bem cuidados.

A conclusão desta pesquisa viabilizou um olhar mais próximo das condições vividas pela categoria profissional abordada, dos enfoques teóricos utilizados e

principalmente mostrou quanto a Psicologia, como campo de pesquisa e de atuação profissional tem a agregar no que se refere à saúde do trabalhador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena Dias da GF. **Análise qualitativa de dados de entrevista:.** *UMA Proposal Paidéia*, Ribeirão Preto, n. 2, p. 61 - 69, julho de 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo, Edições 70, p. 125 - 158, 2011.

BENGOCHEA, Jorge Luiz Paz; GUIMARÃES, Luiz Brenner; GOMES, Martin Luiz; ABREU, Sérgio Roberto de. **A transição de uma polícia de controle para uma polícia cidadã.** *São Paulo em Perspectiva*, 18(1): p.119-131, 2004.

BRETAS, Marcos Luiz; ROSEMBERG, André. **A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas.** *www.revistatopoi.org, Topoi*, v. 14, n. 26, p. 162-173, jan./jul, 2013.

BEZERRA, Claudia de Magalhães; MINAYO, Maria Cecília de Souza; CONSTANTINO, Patrícia. **Estresse ocupacional em mulheres policiais.** *Ciênc.. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v 18, n. 3, março de 2013.

CALAZANS, Márcia Esteves de. **Mulheres no policiamento ostensivo e a perspectiva de uma segurança cidadã.** *São Paulo em Perspectiva*, v. 18, n. 1, p. 142-150, 2004.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. **Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na Polícia Militar de Minas Gerais.** *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, v. 11, n. 3, p. 71-99, 2010.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009).** *Revista Brasileira de Educação*, v. 16 n. 46 janeiro - abril, p. 99 - 117, 2011.

COLETA, Alessandra dos Santos Menezes Dela; COLETA, Marília Ferreira Dela. **Fatores de estresse ocupacional e coping entre policiais civis.** *PsicoUSF. Itatiba*, v. 13, n. 1, jun. 2008.

GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático.** P.64-89. Petropolis, RJ: Vozes: 2002 LAGES, Sônia Regina Corrêa; DETONI, Carolina; SARMENTO, Sandra Carrato. **O preço da emancipação feminina. Uma reflexão sobre o estresse gerado pela dupla jornada de trabalho.** *Estação Ciência*, p. 1 - 6, 2006.

LIMA, Susana Rezende; DE CASTRO, Ana Paula Silva; CRUZ, Maria Helena Santana. **Relações de Gênero no Trabalho: um estudo no 3º Batalhão da Polícia Militar (Itabaiana/SE).** *Itabaiana: GEPIADDE*, Ano 4, v. 7, p. 145-157, 2010.

LOIOLA, Gelson. **As mulheres no quadro combatente da PMES: 25 anos de participação.** *Revista Preleção – Publicação Institucional da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo – Assuntos de Segurança Pública*, Ano III, n. 5, abril de 2009.

MIRANDA, Helena; ANDRADE, Darlane; ALMEIDA, Alessandra. **Gênero e Psicologia: um debate em construção no Crp-031.** *Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, p. 1- 9, 23 a 26 de agosto de 2010.

MURTA, Sheila Giardini; TRÓCCOLI, Bartholomeu Torres. **Avaliação de intervenção em estresse ocupacional.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Janeiro-Abril, Vol. 20 n. 1, p. 39 - 47, 2004.

MUSUMECI, Leonarda; SOARES, Barbara Musumeci. **Polícia e Gênero: presença feminina nas PMs brasileiras.** *Centro de Estudos de Segurança e Cidadania - Boletim Segurança e Cidadania* - ano 02 / nº 04 - abril de 2004.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Luana Minharo dos. **Percepção da saúde mental, Policiais Militares da força tática e de rua.** *Sociologias*, Porto Alegre, v.12, n. 25, dezembro de 2010.

OLIVEIRA, Paloma Lago Marques de; BARDAGI, Marúcia Patta. **Estresse e comprometimento com a carreira em policiais militares.** *Bol. psicol, São Paulo*, v. 59, n. 131, dez. 2010.

PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. **Validação da escala de estresse no trabalho.** *Estudos de Psicologia* 9(1), p. 45-52, 2004.

PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Alvaro. **Impacto dos valores laborais e da interferência família – trabalho no estresse ocupacional.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Maio - Agosto, Vol. 21 n. 2, p. 173-180, 2005.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** *História, São Paulo*, v.24, N.1, p.77-98, 2005.

PONCIONI, Paula. **Tendências e desafios na formação profissional do policial no Brasil.** *Revista Brasileira de Segurança Pública*, Ano ,1 Edição 1, p.22-31, 2007.

SILVA, Maurivan Batista da; VIEIRA, Sarita Brazão. **O Processo de Trabalho do Militar estadual e a saúde mental.** *Saúde Soc. São Paulo*, v.17, n.4, p.161-170, 2008.

SCHACTAE, Andréa Mazurok. **Vestindo a Farda: a identidade da mulher militar na polícia feminina no Paraná em 1977.** PR: Capes, 2010.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Amazonas, Soldadas, Sertanejas, Guerrilheiras.** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 423 - 446, 2012.

ANEXO I: TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

Dados de Identificação:

- **Idade:** 38 anos
- **Raça:** Branca
- **Estado civil:** Casada em processo de divórcio.
- **Casada há quanto tempo?** Eu sou casada há 5 anos, mas moro com ele há 7 e estou em processo de divórcio há, sei lá, 15 dias.
- **E quanto tempo você tem de profissão?** 9 anos
- **Qual sua Patente?** Cabo

Tem filhos? Dois filhos, um de 10 anos e um de 2,5.

Com quem mora?

Com meu marido, por enquanto... (risos) e com meus dois filhos

Seu filho tem praticamente a idade da sua profissão!

Meu filho tinha 1,4 meses quando eu entrei na escola de polícia, né? E a menina foi mais recente.

E como foi passar pelo processo de maternidade já depois da escolha da profissão?

Eu acho que o processo de maternidade depois da escolha, no caso a menina, a mais novinha, foi até mais fácil. Pior foi o menino, né? Que tinha nascido recentemente eu entrei na escola, é mais complicado porque na escola a gente fica mais tempo, a semana inteira, o dia inteiro, então era mais complicado tem as punições quando a gente comete transgressões na escola e aí eu era (risos) um pouco rebeldinha, então...

Foram muitas as punições?

Eu fiquei presa setes vezes (risos).

Mas como são essas prisões?

São prisões administrativas e , mas não, não é nada de.. de quando a gente fala prisão a gente imagina, né? cárcere, grade, não é nada disso, a gente permanece dentro da escola de polícia cumprindo algumas funções que nos são dadas, sejam elas administrativas ou braçais ou qualquer coisas do tipo, a gente só permanece na escola sem poder voltar pra casa, né? E aí pra mim foi a parte mais difícil, porque o meu bebê era pequenininho ainda e e aí deixar ele em casa, né? E ficar lá no final de semana era meio complicado, mas foi pouco tempo, passou. A menina, a gestação, né? O processo né? Gestação assim, né?

Durante o serviço foi tranquilo também porque eles tiram a gente da rua, eu trabalhava no policiamento, nas viaturas, então eles tiram a gente da rua, colocam a gente pra fazer serviço interno, a gente não faz esforço físico alguém, então foi tranquilo.

Me conta um pouquinho da escolha da profissão, da sua trajetória, são 9 anos de Polícia Militar?

É na verdade eu não escolhi ser policial militar, não no patrulhamento, eu escolhi ser militar, mas eu queria ir pro corpo de bombeiros, eu fiz um curso de enfermagem, técnico de enfermagem e tal, porque eu queria trabalhar no resgate. Só que a escola é a mesma, a gente presta um concurso só, vai pra escola de Polícia e de lá depois, né? Depois que nos formamos e tudo, a gente faz a escolha, se inscreve e pede a transferência, só que durante o curso de formação de soldado eu me encantei pelo policiamento em sí, né? Lá a gente faz estágio, a gente vai pra rua com os superiores pra conhecer, pra ver como que é e eu gostei e mudei de ideia.

E ainda estava em tempo de mudar?

Sim, até hoje se eu quiser eu posso eu pedir transferência, mas não quero mais, eu gostei. Amor pela causa (risos).

Me conta um pouco sobre a trajetória.

Me formei soldado e vim pra cá, pra esse mesmo batalhão. Quando foi em, eu me formei em 2006, em 2010 eu prestei concurso pra cabo e tô aqui como cabo, e tô aqui agora como cabo, não quis ir a sargento ainda, né? Porque agora com os dois pequenos é difícil, né? Eu tô me divorciando, então eu vou ficar com as duas crianças sozinha isso é um pouco complicado pra gente por causa dos horários de trabalho, então agora eu já não trabalho mais no patrulhamento por isso também, eu tenho um problema no joelho que eu adquiri aqui trabalhando, fui pular um muro, eu cai, me machuquei .

Isso em uma ocorrência?

Numa ocorrência, numa ocorrência, tinha um individuo dentro de uma casa, fui pular o muro, o muro era muito alto, meu pé torceu, eu cai machuquei, rompi o ligamento, o menisco e consequência disso eu fiquei com uma con-dro-ma-lá-cia patelar (risos) parece nome de bixo, né? É uma degeneração na rótula do joelho e não sara, não tem cura, não tem cirurgia reparadora, só prótese .

E você sente dor?

Sinto dor, sinto dor, não posso fazer... Assim, hoje eu não tô sentindo dor, se eu fizer um esforço físico eu começo a sentir dor, mas o problema nem é a dor, a dor a gente toma um remédio e passa, o problema é que fica uma instabilidade no joelho, então as vezes eu tô

andando e "puf" caio, me falta firmeza caiu, então eu não posso mais trabalhar na rua por conta disso.

E pra você como foi esse processo de ter que sair da rua?

Eu adoro a rua, eu tenho paixão pela rua, eu morro de saudade da rua. Mas não tem como, além do que também tem as crianças, então não tem como, né? Então, na rua é meio complicado, né? Porque você tem um horário de serviço, você tem uma carga horária a ser cumprida, tem o horário de entrar e de sair, só que o serviço em si não te permite ter certeza do horário que você vai sair, você pode pegar um flagrante, você pode pegar um flagrante na hora de ir embora e fica na delegacia no dia seguinte. Enfim, então pra gente que tem filho pequeno o serviço complicado.

Ir para o administrativo ou pra rua é uma questão de escolha mesmo?

É mais ou menos, no início não, você vai fazer o que o serviço exija que você faça, certo? No começo você tem que fazer o estágio na rua que é o serviço fim, né? da da Polícia Militar, patrulhamento, então você tem que ficar um tempo na rua pra aprender o que é o serviço, né? Por mais que depois você seja direcionada pra outras área aqui dentro, uma hora precisa, as vezes tem é... esqueci o nome, fugiu, as vezes tem prontidão, sabe? Essas épocas de ataque, copa do mundo agora que vai ter, então tem que ter um efetivo maior na rua, as vezes chega uma notícia digamos assim "Ah, vai ter ataque, não sei o que" ou há uma suspeita, que a gente sempre ouve rumores, alguém fala, alguém recepta alguma coisa aí tão de prontidão, quer dizer, meu horário de sair às 18h não posso ir embora, tenho que ficar, entendeu? E aí, mesmo o pessoal que trabalha no administrativo tem que ir pra rua, então no início esse estágio no serviço fim é obrigatório e depois as pessoas vão sendo direcionadas, entendeu? A bem de serviço, as vezes por necessidades pessoas, desde que seja autorizado pelo comandante, as vezes o próprio comandante diz se autoriza, o comandante do batalhão e tal, aí você vai sendo colocado no lugar que mais se adequar, entendeu? Não é bem uma questão de escolha, não tem muito o que escolher, as vezes tem uma vaga que você quer, mas tem um mais antigo que você e tem preferência porque aí hierarquia conta, né? Sempre do mais graduado e quando é a mesma graduação o mais antigo tem preferência

O mais antigo na polícia ou no batalhão, na companhia? O mais antigo na polícia, ou mais antigo de graduação?

Você se formou soldado e foi soldado por quanto tempo? Até 2010, 5 anos, desde que eu entrei, é a gente entra como soldado 1º classe, depois você se forma, depois de um ano de formado, são dois anos desde que entra você fica como primeira classe e depois disso pra ir a cabo é por concurso interno. Sou cabo desde 2010.

Falando um pouco da questão da aceitação Familiar da profissão.

Eu acho que depende da família de cada um, né? Tem família que já é todo mundo policial

É o seu caso? Não, no meu caso não tem ninguém da família policial, só ,eu marido que eu conheci aqui inclusive, ele foi meu primeiro parceiro de viatura (risos) inclusive nós casamos dentro de um quartel e tal e, mas na minha família mesmo não tinha ninguém, mãe, pai, tio nada, nada, nada. Então no começo foi difícil, minha mãe sofreu, quem não tem, quem não tem esse contato sofre muito, porque tem medo, porque é perigoso, e toda hora na televisão falando de ataque, morre policial, e não sei o que, as condições salariais, então as famílias não querem muito. O que antes era visto como heroísmo, hoje, eu diria que a nossa imagem tá um pouco denegrida, né?

E além da sua mãe tinha mais alguém da família com esse receio?

Não, porque quando eu entrei na polícia só tinha a minha mãe e meu irmão, né? Mas meu irmão sempre me apoiou independente do que ele achava ele sempre me apoiou. Minha mãe também sempre me apoiou, me ajudou muito, ela que cuidou do meu filho tal. Porém ela era contra, ela não queria. Eu trabalhava numa empresa boa, bem conhecida, eu era do RH e no finzinho eu comecei a mudar de área lá dentro, eu fiz um curso lá dentro pra ser encarregada da brigada de incêndio. Então eu já gostava, foi aí que eu tive a ideia de ir pro bombeiro e tal. Então é isso, minha mãe ela ficava apavorada com a ideia. Eu acredito que a maioria das pessoas que já não vem de famílias militares tem esse problema, a maioria assim que a gente conversa tal, as famílias não querem, né? Hoje se você me perguntar "você queria que seu filho fosse policial" eu ia dizer com dor no coração que não. Eu adoro, adoro de verdade, eu não tenho problema nenhum, não tenho do que reclamar da polícia em si, só que eu acho que a gente é desvalorizado, por todos, pela sociedade, é pela mídia de forma geral, entendeu? O policial tá sempre errado em tudo. Algumas coisas da parte burocrática, assim, quanto ao serviço, ao meu ambiente de trabalhos, aos meus comandantes diretos, aos meus amigos de trabalho eu não tenho absolutamente nada a reclamar de verdade, não tenho mesmo. Sempre me ajudaram quando puderam, acho que por isso que eu ainda tô aqui, por isso que eu consigo ter sabe, conciliar minha vida de mãe com a vida na polícia que não é fácil. Ainda mais eu, não tenho mãe, não tenho pai, meu irmão mora em outro estado, eu não tenho ninguém, assim. Então se não fosse o comandante, os meus amigos, o meu batalhão em si talvez eu não conseguisse ficar aqui, mas eu tô falando é do sistema de uma forma geral. Você comenta sobre o seu batalhão.

Pelo contato que você já teve com outras colegas de outros batalhões, você acha que existe essa receptividade em todos os batalhões ou é uma característica desse batalhão?

Não, eu acho que de certa forma hoje em dia, antigamente eu não sei, é eu sou ainda novinha na polícia, né? 10 anos é muito pouco, mas dizem que antigamente a coisa era muito mais puxada, eram mais severas, entendeu? Hoje as pessoas parecem que estão mais humanizadas, digamos assim, isso eu não tô te falando com conhecimento de causa, é de ouvir falar, né? Então assim, é claro que existe uma hierarquia, existe um respeito, ninguém passa por cima de ninguém porque se não também existem punições pra isso. Porém, as pessoas, de acordo com o que eu ouço falar, parece que hoje tem uma visão mais humana da coisa

E você diz isso com relação ao trato entre os colegas, entre os comandantes e subordinados?

Até dos superiores com os subordinados

Existe algo que você aponte como estressor do trabalho, desde que você entrou até hoje?

Só um minuto (colega chama, e informa que há um telefonema, sai rapidamente para atender e retorna). Então, hoje em dia tá meio complicado, pra mim não porque eu tô na administração, é de segunda a sexta, horário de expediente como qualquer empresa, né? Tudo bem que as vezes tem escala extra, no final de semana, mas aí é compensado de alguma forma ou de outra acaba sendo compensado e é esporádico. Pessoal que trabalha na rua, é hoje em dia tá complicado, eu acho que, de pouco tempo pra cá eu não lembro exatamente quanto tempo tem, eu não sei se... não dá eu não vou falar porque eu não lembro quanto tempo faz, mudaram o horário de trabalho da gente, então algumas funções permanecem no seu horário, ronda escolar também é de segunda à sexta, tem policiamento de moto, tem policiamento com bicicleta, são horários específicos porque são patrulhamentos diferenciados, certo? Agora o patrulhamento em si a viatura que atende ocorrência tal... é regra geral, veio na ordem, mudou nosso horário, que antes era 12/36, dia sim dia não e agora é 12/24 - 12/48. Eu explico, você trabalha 12 horas, trabalha durante o dia, a noite folga, no outro dia ao invés de entrar de manhã você vai entrar a noite vai trabalhar a noite toda e aí folga dois dias. Primeiro dia é o sucessor a noite que você trabalhou então é um dia perdido, porque você vai querer dormir se não for dormir vai passar mordendo o pé da cadeira o dia inteiro, né? (risos) e o outro dia assim é a folga, é o dia que você tem pra resolver as suas coisas, banco, família, então a MAIORIA, né? A gente comenta entre si, ouve falar, a maioria não gosta, não aprova esse horário, porque? seu organismo fica bagunçado, um dia você tá de dia, um dia você tá de noite, então quer dizer, você não sente mais a hora que você sente fome, a hora que você sente sono.

E você trabalhou nesse horário por quanto tempo?

Ah pouco tempo, acho que foi o que? uns 2, 3 meses, eu acho no máximo

Mas deu pra sentir?

Deu pra sentir, não me acostumei, a maioria das pessoas com quem eu converso até hoje não se acostumou, é impossível, como é que você vai fazer? No caso da mulher é ainda pior, por que via de regra, claro que a gente sabe que tem exceções, tem muitos 'pais - mães' por aí, né? muitos, aqui tem alguns, mas é, geralmente essa função é da mulher e pra mulher fica mais carregado, porque? Eu trabalho a noite inteira, tenho uma filha de dois anos e meio, o 10 ainda compreende um pouco melhor e se vira lá, só deixar 'meio caminho andado' que ele dá prosseguimento (fala sorrindo). Agora e a bebê? Aí eu trabalhei a noite inteira chego em casa vou dormir? Não, não vou dormir eu vou cuidar da bebe, entende? Cuidar da bebê cuidar da casa, não sei o que. Então acaba que bagunça mesmo, a gente começa a ficar doente, começa ficar estressado, aí entra o estresse do trabalho por que você não descansa direito, você não come direito e aí você perde paciência com os filhos, perde paciência com o marido, Perde paciência com o mundo, né? Então é complicado... isso é uma das coisas que eu acho negativa na profissão, e aí você não tem escolha, o seu horário vai mudar a partir de amanhã e ponto final, você cumpre e acabou, porque é ordem a gente cumpre não discute, entendeu? Então esse é um lado negativo da coisa. Essa coisa de você não saber "ah tá bom meu horário é esse aí", por exemplo, quem estuda, né? Toda empresa tem um horário diferenciado pra quem estuda As vezes sai mais cedo, entra mais tarde se for o caso, e aqui os comandantes até tentam adequar, só que as vezes não dá, entendeu? As vezes tem 15 policiais que estudam e precisam de determinado horário, só que só tem 5 vaga pra aquele horário. Aí vai entrar o critério graduação, antiguidade, vão sobrar aqueles que... O comandante também não pode tratar todo mundo como filho se não ele vai ser cobrado, né? Então, o cara que estudando ele vai perder o curso, sei lá, vai trancar a matrícula, mas por quanto tempo? E aí, isso também estressa por que você quer estudar, você quer evoluir, você quer fazer uma coisa e não pode por conta do horário.

E além do horário, tem algo que aparece como fator estressor?

Ah, tem, né? Porque você lida com todo tipo de gente, você vê coisas absurdas na rua, a gente acaba um pouco somatizando o problema dos outros, né? Porque quem é que encara uma agressão de uma criança, contra uma criança, contra um velho, ou até mesmo uma vítima de roubo que de repente foi espancada, qualquer coisa, né? Eu tô falando de coisas leves, então a gente lida com coisas muito ruins o dia inteiro e por que "ah você tão acostumados", não é legal, né? Ninguém gosta de ver, a gente não nasceu pra isso, a gente não tá acostumado com isso. Então acho que por mais que a gente encare numa boa, aquele momento você "ah eu tô acostuma, é só mais um" eu acho que psicologicamente

falando isso afeta a gente de alguma maneira . Eu acho que isso afeta até um pouco da nossa saúde psicológica, entendeu? Por mais que você... Assim como um enfermeiro, um médico que lida com doenças o tempo inteiro, não é legal, né? Foi como eu falei, a gente não cresce pra ver as pessoas sofrendo. Quando a gente tá lá na pré escola a gente aprende que o legal é ser feliz, é dá risada e tal e a gente traz isso pra nossa vida adulta, certo? Você é quase uma psicóloga você pode me dizer se eu tô certa ou errada (risos). Eu acho que a gente cresce acreditando que é tudo lindo, que a vida é um arco-iris, né? Até a gente começar a ver que não é bem assim só que lá dentro da gente teria que ser assim, porque a gente espera da vida, e aí você começa a ver só desgraça o tempo inteiro, não é legal, né? Isso começa a pesa um pouco, a gente começa a sentir um pouco da carga disso tudo e você vai pra casa com aquela sensação de poxa, o mundo é feio, isso que acho que acaba sim mexendo com a nossa saúde mental, chega uma hora que você se acostuma realmente, você vê a mulher que apanhou do marido lá toda arrebitada, você vê a criança que foi abandonada, largada, você vê a velhinha que foi roubada, você vê o pai de família que trabalhou o mês inteiro pra conseguir ganhar um salário mínimo e passou um...(risos) né? Uma pessoa e levou o pouco dinheiro que o cara tinha, eu quero xingar, mas eu não posso (risos), e levou o dinheiro que o cara tinha, as vezes fica nervoso diante de tal situação e acaba se excedendo, acaba falando um pouco mais alto, aí é uma pessoa um pouco mais influente e ela "você não sabe com quem tá falando" e vem no batalhão fazer reclamação, é claro que eles vão apurar tudo, só que até então você passa por esse estresse, ficar indo lá depor, justificar porque que você falou mais alto, porque que você xingou e porque que você não fez isso e porque que você, entendeu? Isso tudo eu acho que estressa, é o dia a dia mesmo.

E isso acaba influenciando na família também ou depois que acaba o expediente fica de lado?

Não, eu acho que ninguém consegue, viu? São poucas pessoas, não só aqui na polícia, em qualquer lugar eu acho que a gente até tenta, né? Deixar lá fora o problema e entrar sem nada, mas no fundo foi o que eu te falei por mais que a gente encare isso numa boa, ou porque já acostumou ou porque vem tentando mentalizar isso "olha minha família é uma coisa, meu trabalho é outra" a gente até tenta separar , só que aquilo já tomou conta da gente eu acho que uma hora ou outra você acaba perdendo a paciência, gritando um pouco mais com quem não tem que gritar, eu acho que interfere sim

E ao contrário, situações estressoras da família que causam implicações no trabalho?

Na minha não tem, foi o que eu falei pra você antes de começar a entrevista, a gente tava batendo um papo e eu falei pra você que é meu trabalho é minha, é minha fuga, sabe? Eu

não tô passando por um momento muito bom em casa, falei pra você que eu tô me divorciando e tal, e eu acho que o que me deixa um pouco melhor é vir trabalhar.

Nesse momento, mas e antes?

Assim comigo nunca aconteceu de eu trazer problemas de casa pro trabalho, talvez inconscientemente da mesma forma que ao contrário, né? Você acaba perdendo um pouquinho mais de paciência, hoje por exemplo, eu não lido mais com o público externo, mas eu trabalho num setor aqui onde eu atendo os policiais o tempo inteiro. Então você acaba se estressando um pouco mais com uma colega talvez que você tenha problemas, eu acho que isso é comum, né? Não deveria ser assim, né? Mas não somos máquinas a gente não consegue se controlar o tempo inteiro.

Existe um momento em que você percebe que está estressada? O que você sente?

Tem, tem sim os momentos que eu falo "eu tô estressada" essa não sou eu, né? Quando você dá um berro pra mais você fala "nossa" não era pra tanto, isso tanto em casa quanto no trabalho. Né? Não precisava ser assim e... Agora como eu me sinto em relação ao meu estresse, é isso que você quer saber? **Sim.** Eu não sei, eu acho que bate um pouquinho de frustração, né? De derrota, né? Porque que eu não consigo lidar com isso? Mas foi aquilo que eu falei, nós não somos máquinas, né? Tem coisa que, quando a gente tá ali ainda se controlando, a gente consegue ver o que tá bom, o que tá ruim, consegue, mas geralmente quando a gente tá estressado demais a gente vê quando já foi, né? Então não tem o que fazer.

Você acredita ter alguma estratégia para lidar com esse estresse?

Na minha opinião, todo ser humano devia fazer terapia, todo mundo. Você já fez terapia em algum momento? Não, eu nunca fiz, já levei meu filho ao psicólogo e mas eu acho que deveria até, ah tem muita gente que fala assim "ah terapia? Pra que? Você fica lá falando, ninguém vai resolver nada" O povo acha que terapia é pra resolver o seu problema, né? O médico vai falar "o seu problema é esse, você resolve assim". Eu não penso assim, as vezes a pessoa não tem como botar aquilo ali pra fora, né? As vezes a pessoa é introspectiva. Não é o meu caso, você viu que eu falo bastante (risos). Mas as vezes é uma pessoa mais introspectiva, né?, é como que fala? mais retraída, eu não sei que termo que vocês usam, mas que tem dificuldade de externar o que sente. Eu não tenho esse problema porque eu falo de mais, boto pra fora mesmo, e eu acho que a terapia serve pra isso, a impressão que eu tenho é essa, que a terapia serve também pra isso, então eu acho que todo mundo devia fazer, que acho que resolveria a maior parte do problema. E além da terapia, existe algo que você como também como uma forma de lidar com o estresse? Não, claro, deve existir várias formas, mas só que assim, as vezes não tá ao nosso alcance, né?

Eu gostaria que você me falasse um pouco da sua percepção sobre a mulher policial? Com tudo que você já viu, já viveu.

Bom, nos vivemos num mundo preconceituoso, né? Por mais que a mulher tenha evoluído aí, eu nem vejo muito como evolução (fala sorrindo), mas tudo bem, isso é opinião pessoal, é por mais que a mulher esteja alcançando lugares inimagináveis até um tempo atrás, existe preconceito SIM e a mulher continua sendo o sexo frágil SIM. Então assim, hoje aqui dentro mesmo do trabalho, claro que tem ou outro que faz essa diferença " ah eu não quero trabalhar com mulher" Né? porque tem muito disso, "eu não vou, eu vou trabalhar com uma mulher na viatura, eu não quero" Não quer dizer que vá ser do jeito que ele quer, mas existe alguns, mas são pouquíssimos. Eu sempre trabalhei com homens, porque a gente não pode trabalhar com duas mulheres na mesma viatura, justamente por isso, por causa desse preconceito que tem lá fora. Então assim, as pessoas na rua respeitam muito mais a imagem masculina do que a feminina, entendeu? Então muitas pessoas ainda tem essa ideia de que de que a mulher policial é mais masculinizada e não sei que. Você pode ver que não, né? Eu tô aqui com meus cílios pintados, com minhas unhas feitas (fala sorrindo e mostra as unhas).

E na rua você trabalhava assim também?

Na rua eu trabalhava assim também, só que até as pessoas na rua você percebe que pra você ter credibilidade com eles, você tem que chegar a mandona, a brava, entendeu? Porque se você chegar, um pouco mais delicada, feminina e não sei o que as pessoas acham que "ah é mulher", entendeu? Você tem que ser um pouco, é, não diria autoritária porque fica forte, mas mais séria mesmo

E é uma forma que você adotou durante seu trabalho na rua?

SIM, durante meu trabalho na rua. Agora aqui dentro, hoje em dia eu acho que são poucos os que fazem, se fazem, se veem assim eles guardam, entendeu? É uma coisa meio velada, geralmente é mais tranquilo

E do que você já trocou com suas amigas?

Não ouço nada muito diferente disso, porque hoje tem muita mulher, antigamente policial feminina só trabalhava no serviço comunitário, hoje não, hoje a gente, tanto que até um tempo atrás o concurso era separado, tinha um concurso para policial feminina e tinha um concurso para o masculino, depois de um tempo, o concurso começou a ser junto, mas o quadro aqui dentro era diferente por exemplo, as promoções, quando abria vaga pra cabo era tantas vagas pra homem e tantas vagas pra mulher, agora juntou tudo, agora o quadro é o mesmo. Antes a escola de polícia tinha sala de menina e sala de menino, agora não, agora é tudo junto, agora é tudo misto, o concurso é o mesmo pra todo mundo, a escola é

misturado homem com mulher na mesma sala, aqui quando abre concurso também não tem mais essa distinção, é tudo junto. Então acho que a coisa tá mudando, né? claro que tem serviço que não tem como você colocar mulher, porque olha o tamanho do bíceps dele (aponta para o colega que está na mesma sala, usando o computador) ó o do meu, quando a coisa é braçal não tem jeito (Colega fala: O seu é maior, Carol da risada), não tem jeito, entendeu? não é nem uma questão de, como que eu falo? É uma condição, né? Uma condição física, não tem o que escolher, o homem é mais forte, agora fora isso

E o que você apontaria de diferença entre homens e mulheres dentro da instituição, com relação a forma de tratamento, possibilidade de acesso a cargo?

Eu acho que não tem mais.

Você não vivenciou isso?

Praticamente não, na prática não, eu não vivenciei isso, trabalho na rua, eu pulo muro, eu se tiver que arrebentar alguma coisa a gente arrebenta também (risos) é tudo igual, não tem distinção. O que a gente houve muito, por incrível que pareça, se as meninas me escutarem vão me bater, mas o que a gente vê muito é mulher se valendo de ser mulher pra ter vantagem "ah não eu sou mulher, como é que vou fazer isso?" (fala afinando a voz), entendeu? Eu acho que tem mais assim do que o homem discriminando, eu acredito que sim (risos), claro, tem alguns batalhões que, por exemplo, na rota não tem mulher no policiamento, não tem, por que?, porque não sei, mas não tem, tem no administrativo, mas na rua eles não colocam. Então foi o que te falei, não é que não exista mais essa diferenciação, só que a minha vivência isso existe muito menos do que eu imaginava que fosse ter aqui

Você gostaria de acrescentar algo?

Não, que que eu poderia acrescentar? Acho que não

Se sentiu bem fazendo a entrevista?

Sim, foi tranquilo.

Obrigada pela entrevista!

Nada, imagina!

Após desligarmos o gravador, uma colega de trabalho sugeriu que Carol falasse sobre o assunto de creche para os filhos de policiais, assunto de uma conversa que já haviam tido. Assim, formulei a questão abaixo:

No caso de mulheres policiais que tem filhos. O que poderia ser feito, quais são as estratégias que vocês utilizam para conciliar o cuidados dos filhos com a profissão?

O que a gente utiliza (risos) é que a gente virou meio que mulher elástica, né? A gente se estica pra lá, se estica pra cá, se vira, deixa com um, leva pra escola, busca, não tem muito o que fazer a gente tem que se transformar em mil mulheres. Agora o que poderia ser feito, esses dias eu tava até conversando com as meninas aqui, eu falei olha eu vou mandar um e-mail pro comandante geral, dando uma ideia, elas ficam "não faça isso, isso é utopia, você acha que ninguém nunca pensou nisso" (fala mudando o tom de voz) eu falei, mas não adianta só pensar, tem que pensar, mobilizar um monte de mulher que tem filhos que não são poucas. eu acho que seria incrível se tivesse uma creche pelo menos em cada cpa, eu acho que o ideal seria em cada batalha, mas como, né? a gente sabe que tudo aqui dentro é meio inviável então cpa já seria suficiente. Imagina ter uma creche lá, tem uma monte de policial que por várias coisas aí as vezes ficam "baixadas", baixadas que digo é não podem trabalhar na rua, tem restrição de vários tipos de serviço, então fica trabalhando interno mesmo, muitas vezes não tem vaga, o pessoal tem que ficar adequando, entendeu? Encaixando aqui, poderia montar uma creche com essas pessoas, não? Olha só, eu acredito que diminuiria o número de faltas ao trabalho, diminuiria o número de atrasos, diminuiria MUITO o estresse, porque não tem nada melhor do que você trabalhar tranquilo, sabendo que seu filho tá alí, com pessoas de confiança, que se acontecer alguma coisa você tá perto, você vai lá ver o que que tá acontecendo, então, eu tava conversando com as meninas e ainda vou fazer, eu vou fazer, não sei se vai chegar a algum lugar, mas eu vou dar o chute inicial. Eu acho que tinha que ter, eu já ouvi dizer, nunca fui lá pra conferir, mas já ouvi dizer que tem algum lugar aqui dentro da polícia que existe uma creche, eu não vou nem falar o nome do lugar porque eu não tenho certeza, né? Eu ouvi 'buxixinhos' então eu não vou falar, mas tem um órgão aqui dentro que existe essa creche. Então eu acho que poderia se estender, não seria vantagem só pras mães, eu acho que seria mais pra própria polícia, né? Do que pras mães, eu a principio só consigo pensar nisso.

ANEXO II: TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA

Dados de Identificação:

- **Idade:** 35 anos
- **Raça:** -
- **Estado civil:** Casada
- **Casada há quanto tempo:** Vou completar 10 anos de casada
- **E quanto tempo você tem de profissão?** 14 anos
- **Qual sua Patente?** Cabo

Você tem filhos?

Não tenho filhos até o momento, tenho planos para esse ano ainda, quem sabe, né engravidar?

Com quem você mora hoje?

Atualmente só eu e meu esposo. Seu esposo também é policial? Também é policial, até porque é uma como se diz? vamos dizer que é uma pecinha importante, porque eu entendo melhor ele e ele me entende melhor, os dois sendo da mesma profissão pensam igual, né? Sabem das mesmas, dos problemas, do mesmos... de tudo, né? a gente se entende melhor

Me conta um pouco como foi a escolha da profissão, sua trajetória.

É assim, na verdade na minha família eu tenho, vamos dizer que eu nasci, né? eu nasci porque meu pai é militar, né? hoje aposentado, mas ele é militar então na verdade eu acredito que é um pouco de sangue, né? tá no sangue mesmo, meu pai é militar, tem um tio militar e os dois que me incentivaram a entrar na pm, nunca imaginei, desde criança sempre vi, bonito, legal, mas nunca me imaginei, porém depois, adulta os dois acabaram me incentivando e eu prestei o concurso e hoje tô aqui.

E como foi na escola polícia, como foi a trajetória mesmo?

Então, é um ano na escola de formação de soldado e é um ano que assim, é bem é legal e ao mesmo tempo é bem estressante, né? A parte boa é assim, você conhece tudo, você conhece vamos dizer a polícia, porém na prática apenas, quer dizer, desculpa na prática não, só na teoria mesmo, na prática a gente não conhece, mas aí é bastante diversificado, você tem todas as regras, você tem liberdade de expressão, você tem amizades, né? você vai conhecendo de tudo um pouco. Porém somente na teoria, né? e posterior que a gente vai conhecendo mesmo a prática que é aqui, né?

E quando você saiu da escola você entrou nesse batalhão? Passou por outros?

Eu graças a Deus, eu falo graças a Deus porque eu gosto muito daqui, eu me formei e consegui vir para cá, eu escolhi na verdade assim meio que do nada, não tinha um batalhão exclusivo, até porque eu não moro perto do meu trabalho, eu moro muito distante daqui e meio que escolhi a dedo, outras amigas também falaram vamos juntas aí fomos e eu estou aqui desde que me formei.

E você é cabo desde quando?

Eu sou cabo há mais ou menos um mês, vai completar um mês só. Porque? porque na verdade foi uma promoção que ela veio do nosso governador, ele deu uma promoção assim, super grande, por reconhecimento, que na verdade é um reconhecimento que já deveria ter acontecido, né? Porém, vamos dizer que ele foi muito tardio, por que assim, existe uma lei que diz que a cada dez anos de polícia, o policial tem a sua promoção de direito, tá? Então assim, dez anos, se você subentender eu tô com 14, já deveria há quatro anos ser cabo, porém não é assim, não era isso que tava acontecendo, aí agora e que foi entendido dessa forma, o governador esse anos, foi agora dia 17 de abril que ele concedeu essas promoções para todos os policiais acima de dez ano que ainda não era cabos ganhar a promoção de cabo.

E como foi a aceitação da profissão por parte da família, até por conta do seu histórico?

Foi melhor. Assim na verdade, quem me incentivou mais foi meu tio, meu pai ficou meio receoso, não sei se porque é pai, por que ele conhece, né? os problemas, as dificuldades que ele viveu, de repente ele teve aquele receio, né? "Ah minha filha, mulher", então de repente ele teve o receio, mas ele me incentivou também. A minha mãe ficou meio temerosa, porque mãe, né? Mas hoje em dia, graças a Deus nunca tive nenhum problema assim maior, como nada de ocorrências, com maiores problemas e graças a Deus tô aqui.

Você trabalhou na rua primeiramente? Isso, sempre na rua aí na verdade eu acho que tem uns três anos que eu tô interna, mais ou menos uma média de três anos interna. Eu assumo que é pelo do horário, eu prefiro trabalhar internamente por que? porque você tem um horário para entrar, você tem um horário para sair, não acaba não tendo tem aquela preocupação de ter um horário para entrar e não ter um horário para sair, que é o que acontece com o policial externo, né? porque você pode se deparar com uma ocorrência de grande vulto, diferenciada, aí você não tem o horário para sair. Então eu, eu especificamente, eu acredito que policiamento interno tem outras vantagens e uma delas é o horário.

O que você aponta de situações estressoras do trabalho?

Então quando eu trabalhava na rua, vou dizer assim no policiamento externo, porque depende assim, né? No dia a dia a gente trabalha com público diferenciado, as ocorrências são diferenciadas, cada ocorrência é de uma forma, inicia de uma forma e terminam de outra, mas assim no geral foi bom trabalhar externamente, né? Porque a gente convive com a pessoa, com o público, com o cidadão lá fora, a gente entende o que ele necessita, a gente, da melhor forma, né? a gente tenta ajudar da melhor forma. E aí na verdade é um conjunto, né? Porque a PM depende do cidadão e o cidadão da PM. Então assim, é muito bom, eu gosto do policiamento externo. Agora o policiamento interno é opção atual devido ao horário.

E você acha que os dois trabalhos diferentes geram situações de trabalho diferentes?

São diferentes, trabalhar na rua que é externamente é aquela questão de você também não conhecer a outra pessoa, você vai chegar na ocorrência e ela tá lá com os problemas dela e quer que você resolva, muitas vezes nem é competência da polícia, nos estamos ali mais para conversar, minimizar, para orientar, né? Então gera um... se você não tiver um psicológico bem forte você vai se estressar. Mas a gente, desde a escola, como foi apontado, né? na escola nós já temos essa orientação, essa formação para que a gente tenha toda essa bagagem, de psicológico, físico, de técnicas, de tudo, pra tá ali lidando com esse tipo de coisa. Internamente o estresse ele não gera muito quanto externamente, mas tem outras coisas que não são muito relevantes.

Mas você consegue apontar alguma coisa?

Interna? Ah interna eu acredito que seja a cobrança dentro do nosso meio meio mesmo interno, que é dos nossos superiores, do nosso comando, aí exige muito mais, vamos dizer, como se diz, uma visão mais ampla, você tem que lidar, porque aí a gente vai trabalhar com o público interno, que a gente fala, que são os nossos próprios parceiros, a gente tem que lidar com documentações, então a gente tem prazos, tem que se atentar a prazos. Então assim é atender um interesse mais interno.

E você acha que esse estresse proveniente do trabalho implica de alguma forma na sua vida familiar?

Não, eu acredito que não implica, até por que assim como eu te expliquei no início, né? o meu esposo, vamos dizer em mérito de família assim eu e meu esposo, né? Ele sendo policial, então acaba que um entende o outro, um ajuda o outro, a gente conversa mais sobre o assunto, se for ter algum problema que passou, uma situação diferente, estressante no dia, a gente acaba conversando, se entendendo e depois a gente percebe que tudo é momentâneo, que tudo passa.

E ao contrário, situações estressoras da família, você aponta alguma coisa? Acha que implica no trabalho?

Não, eu acredito que não, dá família para o trabalho, né? Até porque assim, no momento eu tenho os planos pra gente ter filhos futuramente, mas é, eu acredito que eu não tenha nenhum problema assim relacionado a PM e família nesse sentido porque eu acredito que tudo, eu tento pensar positivo, que tudo se encaixa, PM, família, família, PM, a gente tenta da melhor forma, né? tá conduzindo.

A questão de fazer esse planejamento para ter filhos, você acredita que a profissão tem algo a ver com essa decisão?

Então ao mesmo tempo sim, ao mesmo tempo não. Assim, a espera foi uma questão mais assim de, de objetivos mesmo, quando a gente inicia na pm tem toda essa questão que a gente fica sem compreender, sem entender como que vai deslanchar a profissão, né? Então a gente falou não, vamos esperar um pouco, vamos estudar mais, vamos nos aperfeiçoar mais, né? Aí vamos tentar fazer concursos internos e assim a gente foi esperando um pouquinho mais, né? Ai depois a gente já percebeu que, ah vamos tentar agora, aí a gente resolveu agora do ano passado para cá essa questão de filhos e a gente tá no aguardo.

Você percebe quando está estressa, algum sentimento, alguma percepção do momento de estresse?

Eu fico um pouco mais agitada, porque eu sou até muito tranquila, sabe? Mas ai eu percebo que tô um pouco mais agitada, inquieta, ansiosa, tem coisas que despertam na gente que, tipo preocupação, ansiedade, né? Eu percebo assim nesse sentido, mas como eu te falei, posterior acaba passando, tudo se ajeita, passa.

E você tem alguma forma, alguma estratégia para lidar com o estresse?

Então, é assim, para, não sei não, é certeza, pelo menos para mim, isso funciona para mim, é assim, eu sou religiosa, sou evangélica, tudo. Então eu acho assim que , é vamos dizer em conjunto com a profissão, pelo menos pra mim em conjunto com a profissão eu acredito que seja diferenciado, hoje não tô legal, esse mês não bem, aconteceu alguma coisa diferente no trabalho, com parceiro, comandante, seja o que for, eu vou, dentro da minha vida, da minha rotina normal, da minha rotina, no caso da minha religião eu acredito que eu entrego tudo, coloco tudo na mão de Deus, né? Pela fé acaba passando os problemas, o estresse.

Além da religião você acredita haver outra estratégia que você possa usar ou que você acredite que possa ajudar a lidar com o estresse?

Olha, eu acredito que, né? O mais importante, no meu caso eu coloco a religião, posterior, eu coloco assim tentar ficar mesmo, como se diz? é, ficar ali, como se diz? mais atenta ao

trabalho, mais focada ao trabalho independente que uma coisa te tire a atenção, tire seu sossego, você se focar naquele seu objetivo e você manter o seu trabalho ali em paz.

Eu gostaria que você comentasse um pouquinho sobre a sua percepção da mulher policial, de tudo que você viveu, do que você já.

Eu percebo que assim, a mulher policial ela é diferenciada, né? do policial masculino, eu vejo que nós temos, vamos dizer, nós não somos melhores, mas somos diferenciadas, nós temos uma visão, né? diferente assim, de trabalho, eu acredito que nós temos, querendo ou não, nós temos uma percepção diferente, de chegar, de atender uma ocorrência, uma visão, um atendimento mais social, né? Eu acredito que somos diferenciadas e por isso de repente a policial feminina se destaca um pouco melhor.

E com relação a trajetória da mulher; a entrada, como ela vai se desenvolvendo dentro das companhias, como ela vai sendo aceita pelos superiores, pelos colegas?

Tudo é uma questão individual, de cada policial no caso, né? A policial feminina ela vai demonstrar o que ela é, a forma como ela trabalha, a forma dela ser mesmo. Então aí é que vai refletir o que as pessoas vão verificar dela, o que as pessoas vão perceber da pessoa dela, como policial militar, como ser humano.

Você já vivenciou, já trocou algo com suas amigas se existe alguma diferença na forma como as mulheres são tratadas e os homens são tratados?

Aqui dentro da instituição acho que somos todos iguais, assim os comandantes, superiores nossos vão nos tratar da mesma forma, como, até eles brincam que somos todos homens, né? Policiais Masculinos, para não ter problemas de serem diferenciados. Lá fora, eu acredito que, o policial militar masculino ele também é enxergado diferente da policial feminina, assim, eu muitas vezes, eu falando por mim, eu chegava nas ocorrências o pessoal "nossa que legal", já acha diferente, já, muitas vezes costuma como se diz, é... posterior costuma agradecer mais, reconhece, a gente percebe que reconhecem mais no geral, independente de estar o masculino e o feminino juntos a gente percebe que é diferente, a gente chega muitas vezes em qualquer lugar, em qualquer situação e a gente é vista de outra forma, é como se falasse assim "nossa é diferente", né? Aí o tratamento é diferente, a recepção é diferente, é sempre de uma forma boa, melhor.

E falando dos pares?

Não, assim é hoje, Eu acredito que hoje a policial feminina ela está sendo aqui dentro melhor aceita, porque eu acho que antigamente, vamos dizer, vai quando eu cheguei por exemplo, que cheguei a ouvir muitos, não diretamente pra mim, mas quando você ouve assim falar "oh aquele policial ali masculino não trabalha com mulher", a gente ficava assim

nossa, né? e agora como vai ser e tal? aquela preocupação gerando aquele estresse, vamos dizer, né? Mas depois a gente foi notando que tudo mudou, né? Acho que o tempo vai passando, é isso que entra também, aí o policial vai verificando seu tipo de trabalho, sua ação, a pessoa que é, aí na verdade tudo se resolve, tudo acabando normal, tipo verificando que não tem como não trabalhar com policial feminina até porque a gente tem um espaço muito grande hoje, né? Diferente de anos atrás.

E com relação a possibilidade de acesso à cargos, a carreira mesmo, você nota alguma diferenciação?

Então, hoje também está melhor essa questão de promoções, de vagas, né? porque são todas, é, é como se fosse concursos internos, para cada promoção a gente tem que fazer um prova para estar atingindo uma nova promoção, né? E antigamente eram mínimas as vagas para as policiais femininas e hoje na verdade é igual. Tem pouco tempo, se não me engano deve ter uns dois anos mais ou menos, se tiver, dois anos que foi igualado as vagas. Por exemplo, abre um concurso para cem vagas, então vai ser cem vagas meio a meio, 50 masculino, 50 feminino, antigamente não acontecia isso era no mínimo, não chegava a 10%, das cem vagas, 10% seria de feminino, aí melhorou bastante.

E falando da mulher policial que trabalha no ostensivo e da mulher que trabalha no administrativo, são perfis diferentes?

Então, e acredito que na verdade são papéis diferentes, porém eu acredito que elas vão, como se diz, é? Destriçar da mesma forma, vão trabalhar com a mesma dedicação, com o mesmo trabalho, né? com o mesmo carinho, vai ser da mesma forma. Aqui dentro, internamente, como eu te falei anteriormente, vão ajudar os seus pares, o pessoal, publico interno da melhor forma, porque é somente isso com o que ela tá lidando, ela vai ter que trabalhar dentro do que ela tem a oferecer ali dentro da melhor forma. E externamente, né? Demonstrando o trabalho dela, propondo para as pessoas ai fora a melhor forma também de trabalho, atendimento, melhor atendimento.

Os trabalhos são diferentes. Você acha que as posturas são diferentes?

São diferentes, assim na questão de... mais lá fora para você lidar com a pessoa, né? que tá te, vamos dizer, que te acionou, que tá necessitando daquele apoio, né? Então a sua postura é diferenciada. Agora aqui internamente acaba que ficando normal, porque é indiferente, né? de saber que você está trabalhado aqui dentro apenas, né? Você está trabalhando só aqui então na verdade é igual, não tem muitos serviços diferenciados internamente, agora na rua são diferenciados. Agora externamente geralmente tem bastante serviços diferenciados, porém o que eu acredito que seja maior, né? o que evidencia é a

questão de tratar da melhor forma, chegar com a melhor clareza, melhor atendimento, melhor adaptação.

Quando você fala diferenciada, situação diferenciada que a mulher é diferenciada, o que você quer dizer? Explica um pouquinho melhor.

Então, eu digo assim não é... é lógico que a gente vai sempre puxar a sardinha para nós sendo mulher, né? mas eu acredito, eu assim, eu digo por mim, respondendo por mim, como eu te falei não que nós somos melhores, mas eu acredito que a gente se destaca mais, por exemplo, eu mesmo, quando, né? Quando eu estava no meu policiamento externo eu procurava ser sempre mais, assim conversa mais, a gente chega, se for para orientar, quem vai orientar vai orientar na verdade melhor, ou vai conversar mais com a pessoa que solicitou ,vai ser a mulher, ela vai ser de repente mais calma, mais clareza, ela vai ter, vamos dizer, mais tempo ali, ela vai se dispor mais, pelo menos, como isso acontecia comigo eu acredito que seja isso, ela vai ser mais dedica, né?

E você gostaria de acrescentar algo?

Ah eu acredito que não, acho que já foi apontado a maioria das coisas que acontecem aqui dentro, lá fora, mas eu acho que no geral, eu acredito que a policia militar feminina ainda precisa ser mais, no geral, o policial militar precisa ser mais reconhecido, ser mais aceito pela sociedade no geral, porque ainda, vamos dizer que tá bem melhor a situação do que anteriormente, anos atrás, mas ainda precisa, tem pessoal que tem muito preconceito, pessoal que demonstra muita apatia, então assim, a gente percebe, a gente gostaria de uma aceitação melhor em todos os sentidos, né? Principalmente lá fora, da sociedade.

Como você se sentiu fazendo a entrevista?

Gostei muito, achei que fosse mais difícil, eu sou um pouco tímida, mas gostei muito. De alguma forma agradeço também pela oportunidade e é só.

Imagina, sou eu agradeço por ter aceito falar e pela disponibilidade de me receber.



ANEXO III: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, portadora do RG nº _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada “ESTRESSE OCUPACIONAL E VIDA FAMILIAR EM MULHERES POLICIAIS MILITARES”, que consistirá na investigação das formas como informam sobre seu estresse ocupacional. Autorizo que o procedimento de entrevista, gravação e transcrição seja feito para que os objetivos do trabalho sejam alcançados.

A pesquisa é desenvolvida pela pesquisadora Camila Araujo de Sousa do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e orientada pela Prof^a. Dr^a. Fúlvia Rosemberg. Estou ciente de que elas estão à minha disposição e posso entrar em contato com a pesquisadora através do telefone (11-98743-7748) ou e-mail (camilaasousa@hotmail.com) e com a orientadora pelo telefone (3670-8320 – Curso de Psicologia da PUC-SP) para esclarecimento de qualquer dúvida ou de algum desconforto e para ter acesso às transcrições e gravações da entrevista. Além disso, fui informada que posso interromper a participação na pesquisa caso me sinta desconfortável sem qualquer prejuízo.

Afirmo que aceitei participar da pesquisa por vontade própria, sem recebimento de qualquer tipo de benefícios, no intuito de colaborar com o sucesso do trabalho. Também fui informada que o objetivo do estudo é estritamente acadêmico e que as informações dadas serão usadas apenas para fins científicos e de divulgação e que será garantido o anonimato de minha participação.

Estou ciente de que o uso dos dados que forneci está sujeito às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde do ministério da Saúde. A pesquisadora do estudo me ofereceu uma cópia assinada deste Termo de Consentimento, conforme as recomendações da CONEP.

São Paulo, ____ de _____ de ____.

Assinatura da participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Assinatura da orientadora: _____